

GILBERTO PAIVA, C.SS.R.

PADRE VÍTOR COELHO DE ALMEIDA (1899-1987)  
TRAÇOS BIOGRÁFICOS DO SERVO DE DEUS

1. – *Introdução*; 2. – *A formação de uma família e o nascimento de um menino*; 3. – *A entrada para o Seminário: uma graça de Nossa Senhora Aparecida*; 4. – *Os estudos superiores e a ordenação sacerdotal na Alemanha*; 5. – *O padre catequista na igreja Santa Cruz, em Araraquara*; 6. – *O missionário da ativa na capital paulista e em Goiás*; 7. – *O missionário promotor de vocações religiosas e sacerdotais*; 8. – *A missão do sofrimento no auge da carreira*; 9. – *Em Aparecida, ele vê nascer uma estação de rádio*; 10. – *O pregador incansável das glórias de Maria*; 11. – *O comunicador que fala ao coração do povo*; 12. – *O entardecer de sua morte... e o amanhã da vida*; 13. – *Conclusão*.

1. – *Introdução*

Os Missionários Redentoristas da Província de São Paulo têm consciência de que um de seus confrades ultrapassou o limite do ordinário, da cotidianidade e que, por isso, deve ser apresentado como modelo a ser seguido. Seguido por seus pares, seguido por quem aspire palmilhar a mesma estrada da vida consagrada na Igreja Católica. O projeto deste artigo é traçar alguns pontos da biografia desse homem, desse redentorista que é candidato ao reconhecimento oficial da Igreja para a honra dos altares. Fazer viva a memória de alguém que se formou para a doação e definitivamente se doou por inteiro como consagrado redentorista. Falar de sua vocação e, da sua devoção a Nossa Senhora Aparecida, que ele se esmerou em divulgar. Um homem filho de seu tempo.

O artigo parte do livro que foi escrito retratando a vida de Padre Vítor. A vida em Deus e a espiritualidade com que ele se embasou para a vivência de sua missionariedade.<sup>1</sup> A sua biogra-

---

<sup>1</sup> G. PAIVA, *Orar 15 dias com Padre Vítor Coelho de Almeida*, Editora Santuário, 2015.

fia é uma resposta ao interesse do povo, propondo-lhe um conhecimento mais profundo sobre sua vida. Ninguém nasce santo ou fica santo depois que morre. A vida humana vivida é o melhor testemunho de santidade. Padre Vítor, como qualquer outro santo, teve seus defeitos e suas imperfeições. Mas ele sabia reconhecer seus pecados, limites, e tomar o caminho do perdão e da penitência em busca da reconciliação. O projeto do artigo, ainda que limitado, é de que a leitura clareie, esclareça, informe e forme uma opinião que leve ao entendimento de que alguém que se doou e se engajou com ardor e fidelidade em um projeto de vida cristã pode estar apto a ser reconhecido como Beato da Igreja.

Nossa Senhora Aparecida tornou-se sua madrinha quando sua mãe lhe deu uma medalhinha com sua imagem; Nossa Senhora Aparecida, a quem seu pai o confiara no momento em que o menino Vitinho, no quase abandono e desorientado, não tinha para onde ir. E o afilhado agradecido tornou-se missionário da Senhora Aparecida, em tempo integral, morando à sombra de seu santuário. Vítor não mais arredou o pé da cidade de Aparecida e, quando saía, quase sempre levava consigo a imagem de Nossa Senhora. Anos e anos vividos sob os olhos amorosos da Mãe Aparecida...

## 2. – *A formação de uma família e o nascimento de um menino*

Padre Vítor faleceu em Aparecida (SP) em julho de 1987. O processo de beatificação foi aberto a pedido da Congregação do Santíssimo Redentor em outubro de 1998. Com anuência da Conferência dos Bispos do Brasil, Regional de São Paulo e do Cardeal Aloísio Lorscheider a Província Redentorista de São Paulo enviou para Roma toda a documentação necessária. Primeiramente para a postulação geral da Congregação Redentorista, para depois ser encaminhado para a Congregação da Causa dos Santos. A clausura do processo em nível diocesano foi em 2006, também na cidade de Aparecida.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> G. PAIVA, *Padre Vítor Coelho de Almeida – o Missionário da Senhora Aparecida*, Editora Santuário, Aparecida, 2014. Biografia apresentada para a postulação de Beatificação do Servo de Deus, Padre Vítor Coelho de Almeida.

Vítor Coelho de Almeida descendia, pelo lado paterno, de avó francesa e avô fluminense e, pelo lado materno, dos Moreira Alves, mineiros da região de Ouro Preto.

No final de 1807 as tropas francesas entraram em Portugal. A família real, acompanhada de nobres, militares, eclesiásticos e altos funcionários, num total de dez mil pessoas, com seus bens, documentos, bibliotecas e obras de arte e tudo o mais que pudessem carregar, chegou ao Rio de Janeiro em março de 1808. Entre as várias famílias portuguesas, estava o casal Custódio José Coelho de Almeida e sua esposa Maria Tereza do Rosário da Silveira. Ele, proveniente da cidade do Porto, e ela, de Lisboa. Passados o susto da fuga e a festança da chegada ao Rio de Janeiro, o casal adquiriu uma grande fazenda na região de Campos dos Goytacazes, no norte da então Província do Rio de Janeiro. Foram dez os filhos dessa família portuguesa que se radicou na região açucareira do norte-fluminense, na fazenda cujo nome era Bom Jardim. O oitavo filho do casal, Manoel Coelho de Almeida, nascido em 1842, casou-se com a francesa Victorine Cousin.

Manoel Coelho mantinha uma fazenda de cana de açúcar e atuava como advogado. Dona Victorine, sabe-se que recebera esmerada formação intelectual e que a formação religiosa recebera em uma igreja presbiteriana em Paris. Um de seus netos afirma que a avó Victorine teria esse nome por causa de Victor Cousin, pois seria sobrinha desse filósofo. O lar do casal foi abençoado com três filhos: Leonia, Noelina, mãe do futuro Cônego Victor Coelho de Almeida e Leão Coelho de Almeida, pai de Vítor Coelho de Almeida, o biografado aqui.

Já o ramo materno de Vítor Coelho, os Alves Moreira, está ligado à Província de Minas Gerais. Minas, com uma história ímpar na conjuntura de formação e passagem do sistema colonial para o regime monárquico brasileiro, chama atenção em diversos setores, destacando-se o histórico. No finalzinho do século XVII, surgiu a notícia de descobrimento de ouro, no que viria a ser as minas gerais. Cerca de vinte anos antes, Fernão Dias havia atravessado a região em busca de esmeraldas. Isso bastou para que, no início do século XVIII, acontecesse o *rush* de portugueses em direção à região, o que resultou no conflito entre mascates e emboabas, em 1708. Após este conflito Portugal criou a Capitania de

Minas Gerais e São Paulo. Em 1720 houve outra rebelião contra a cobrança abusiva de impostos por parte da coroa portuguesa. Para maior controle, neste mesmo ano Minas foi desmembrada de São Paulo. Em 1789 a região voltou a ser cenário de nova revolta, agora a Conjuração Mineira.

O êxodo dos Alves Moreira em direção ao oeste mineiro estava apenas começando. Do coração da Província de Minas, saindo de Ouro Preto, pararam em Nossa Senhora das Dores do Aterrado, fazendo do lugar uma vila, hoje a cidade de Luz. Da região do antigo Aterrado, não longe das nascentes do São Francisco, indo pela Serra da Canastra, viajando por aquelas campinas, chegaram ao Desemboque, Araxá e Sacramento os avós maternos de Vítor Coelho. No sertão da Farinha Podre, campo fértil para a atuação missionária dos Padres Lazaristas, no Julgado de Paracatu e na região das bateias esquecidas do Desemboque, ali, naquele Triângulo Mineiro, está a origem de Vítor Coelho.

O avô materno de Vítor Coelho era o senhor José Alves Moreira, casado com Mariana Alves Moreira. Por um tempo morando em Sacramento, nasceu Maria Sebastiana, a mãe de Padre Vítor. Os pais de Sebastiana foram morar em outras paragens até que sua mãe Mariana ficou viúva com apenas vinte e dois anos de idade. Com isso voltou a morar em Sacramento, onde tinha parentes, fez-se costureira para que pudesse educar a filha Maria Sebastiana, a Mariquinha.

Em 1894, o moço Leão Coelho foi morar em Araxá, depois de uma estadia em Paris onde freqüentou um curso de artes decorativas. A cem quilômetros de Araxá se encontrava Mariquinha, com apenas quatorze anos de idade. Em pouco tempo os dois se conheceram e um namoro, ainda que à moda antiga, foi o sinal de uma feliz união. Em 1897, os dois contraíram matrimônio na antiga matriz da cidade de Sacramento.

Leão e Mariquinha viviam na cidade, apesar do Sr. Leão desgostar da politicagem exercida por duas famílias influentes do lugar. O casal teve cinco filhos: José Almeida Cousin, em 1897; Vítor Coelho de Almeida, em 22 de setembro de 1899; Leão, em 1902, falecido aos três meses de idade; Maria Cândida, em 1903 e Veriana, em 1905.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> J. ALMEIDA COUSIN, *Cem anos de Memórias*, Rio de Janeiro, 1979. O au-

Os sentimentos religiosos da família influenciaram o menino Vítor – na verdade, a religiosidade da mãe Mariquinha. Nem mesmo uma boa catequese foi-lhe permitida, devido as dificuldades da família no período de sua infância. A mãe havia recebido boa formação religiosa nos moldes do catolicismo mineiro vivenciado por seus antepassados em Ouro Preto. Um catolicismo devocional, de muitas procissões, coroações de Nossa Senhora, anjinhos e festas em louvor aos diversos santos padroeiros em suas belas imagens barrocas. O pai era indiferente à prática da religião. A mãe do Sr. Leão tinha formação protestante e sua família recebera ainda alguma influência do liberalismo, que, nessa época, estava em voga na Europa.

Não obstante a indiferença do pai, os filhos recebiam os sacramentos da iniciação cristã tão logo nasciam. Vítor Coelho foi batizado no dia primeiro de novembro do mesmo ano de nascimento, em 1899. Há documento também que comprova que recebera o sacramento da crisma em 1902, por Dom Eduardo, então bispo da Diocese de Uberaba. Filhos crescendo e a necessidade em pensar algo melhor para a família fez o Sr. Leão deixar a cidade de Sacramento. Ele era professor, e, desde àquela época, não era uma profissão rendosa, além do mais, ele estava desgostoso com a politicagem na cidadezinha. Era preciso pensar algo novo e diferente.

Em 1903, voltou da Europa, o seu sobrinho Padre Victor Coelho. Foi nomeado reitor do Seminário de Rio Comprido, no Rio de Janeiro e elevado à posição de cônego. Cônego Victor juntara de cinco a seis contos de réis. Era dinheiro para ser empregado em algum benefício que pudesse dar estabilidade financeira ao jovem padre. Estabilidade sem riscos, em se tratando de economia, é quase impossível, ao menos para o começo de qualquer negócio ou investimento. Será que no Brasil do começo do século XX, no que tange à política, à economia e à sociedade em geral, investir no setor agropecuário oferecia mais riscos ou mais possibilidades de sucesso ao investidor? Cônego Victor arriscou e comprou uma fazenda no interior de Minas e a entregou para o Sr. Leão administrá-la.

---

tor, irmão de Padre Vítor, descreve a origem e a trajetória da família do Sr. Leão Coelho.

Segundo o próprio Vítor Coelho, seu pai não tinha tino administrativo e a fazenda em Minas foi à ruína. Houve seca, desentendimento com camaradas e o jeito foi vender o que restou e a família partiu para o Rio de Janeiro. Lá Sr. Leão foi ser empregado na Companhia de Bondes. Outros parentes foram juntar-se à família, inclusive a Dona Victorine e Dona Mariana, as duas avós de Vítor. Foi um tempo de muitas dificuldades... mudando de casa em casa, alugueis, desemprego, faltando o básico para a alimentação dos filhos e, em 1907, a mãe de Vítor foi acometida com a tuberculose. “Naqueles dias, papai muito triste, tinha-nos chamado em particular para nos dizer: vocês estão sem mamãe! Lembro-me que tomei aquilo como um exagero de papai, mas era a dura verdade”.<sup>4</sup>

O médico sugeriu o clima de Minas para amenizar o avanço da tuberculose. A festa do natal daquele ano foi de arrumação e viagem: São Paulo, Ribeirão Preto, Sacramento, Conquista, Uberaba e foram parar numa cidadezinha, que hoje é Uberlândia. Sr. Leão abriu uma escola e voltou a fazer o que ele mais gostava: ensinar. Mas em junho de 1908, apenas seis meses que haviam fixado residência no Triângulo, Dona Mariquinha não resiste à doença e falece. Dona Maria Sebastiana, que no recordar do filho mais velho era uma mulher moderna e tinha até decisões avançadas – tomava banho de mar no período em que viveu no Rio de Janeiro – com apenas vinte e oito anos, mãe de cinco filhos, deixava este mundo e partia para a glória do Pai. José tinha onze anos, Vítor ainda não completara os nove e as meninas menos idade ainda. O futuro era pura incerteza...

O Sr. Leão deixou as meninas, Mariazinha e Veriana, com a avó Dona Mariana, que foram morar em Conquista. José, o mais velho, o primo Cônego o levou para o Rio de Janeiro e o colocou no colégio dos Jesuítas. Vítor ficou com o pai em Uberlândia. Circunstâncias nada fáceis para um professor, que, além das atribuições do trabalho, precisava cuidar de um menino e, com certeza, dos afazeres da casa. Mas um dia, o professor foi humilhado por um inspetor, ao dizer que seus trajes não condiziam com um professor de cidade. E ele abandonou a cidade e foi ser professor de

---

<sup>4</sup> Arquivo Padre Vítor, Pasta Correspondência Familiar. Carta ao seu irmão José, em 1970.

roça. Segundo Mariazinha, seu pai lecionou por mais de quarenta anos pelas fazendas e escolas de roça pelo Triângulo e Alto Paraná. No seu êxodo pelas escolas, não havia como levar o pequeno Vitinho. O jeito foi mandá-lo para a casa da avó em Conquista. As meninas foram encaminhadas para Ouro Preto e Veriana entrou na Congregação do Bom Pastor, onde faleceu precocemente, também com tuberculose.

O pequeno e irrequieto Vitinho viveu por um tempo sob os cuidados de sua avó, Dona Mariana, em Conquista. O menino não era nada fácil no comportamento. O menino ressentiu-se da ausência afetiva da mãe e do pai. Praticamente vivia para a rua e na rua... até que um dia uma forte gripe o fez cair na cama por vários dias. O caminho do sofrimento e a ausência dos entes queridos tornaram-se quase uma escola, onde cedo e de forma dolorosa foram-lhe ensinados a resignação e o desprendimento necessário à missão que mais tarde abraçaria.

Ainda que o Sr. Leão estivesse ausente de casa, pois não havia mais um lar propriamente formado, devido a morte da esposa e a dispersão dos filhos. Vítor sempre reconheceu a pedagogia e o carinho com que seu pai encaminhou as coisas para a sobrevivência dos filhos. Homem bom e trabalhador, de profundas convicções morais, excelente educador, o Sr. Leão era indiferente à vivência religiosa. Batizara todos os filhos e havia contraído matrimônio católico, em tempos em que apenas o civil poderia ser considerado documento, pois, havia pouco, uma lei separara a Igreja do Estado. Não atacava, mas também não freqüentava a igreja nem participava dos sacramentos, embora tivesse se casado na igreja matriz de Sacramento. Meras formalidades, porém...

### 3. – *A entrada para o Seminário: uma graça de Nossa Senhora Aparecida*

Certo dia uma notícia chegou por aqueles lados de Minas, dizendo que em Aparecida, houve uma grande festa. O clero do Brasil, de modo especial, os bispos, coroaram a imagem de Nossa Senhora Aparecida como Rainha do Brasil. Um amigo do Sr. Leão contou tudo a ele e ainda mais: disse a ele que este deveria rezar, colocar os meninos nas mãos e sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida. E o Sr. Leão confiou e confiou.

Um belo dia, chega a sua casa seu primo Cônego Victor, vindo do Rio de Janeiro, para dar notícias do José que estava encaminhado e residia com os Jesuítas na Ilha Comprida. A proposta que o Cônego fez ao Sr. Leão era levar o Vitinho, para que ele também pudesse receber uma formação mais acurada e liberar o aflito professor para as suas tarefas de ensino e andanças pelas fazendas. E assim aconteceu.

O menino, na verdade, não era nada fácil e passara a ser a cruz do pai e da avó. O próprio Vítor, mais tarde, recordar-se-á desse tempo que ficou largado à sorte de outras companhias de sua idade que também não tinham condições materiais e humanas para alcançarem boa formação. Cônego Victor o levou consigo para Bangu, em meados de 1910. Desse período só se sabe que foi tarefa árdua demais para o Cônego levar a bom termo sua missão de educar o Vitinho. Mas no começo do ano seguinte, o Cônego já havia desistido e estava disposto a devolvê-lo ao pai e à avó. Na viagem do Rio de Janeiro para o Triângulo, o Cônego resolveu passar em Aparecida. Aí, às margens do Rio Paraíba, na casa da doce Mãe recolhida das águas, a graça de Nossa Senhora manifestou-se na vida da família do Sr. Leão.

Os guardiães do santuário de Nossa Senhora Aparecida eram os Missionários Redentoristas que tinham vindo da Alemanha para este trabalho com os romeiros da Senhora Aparecida. O pedido fora feito pelo Bispo da Diocese de São Paulo, pois o santuário de Nossa Senhora, em Aparecida era um santuário episcopal. Até 1890, era o Governo que administrava as paróquias e a vida eclesiástica devido uma concessão da Santa Sé ao Império do Brasil, através do Padroado Régio. Depois da proclamação da República e da separação da Igreja e Estado, os Bispos passaram a ser os responsáveis diretos pelos locais de culto e pela vida eclesial e eclesiástica. No final do século XIX a Diocese de São Paulo abrangia todo o Estado de São Paulo e o Sul do Estado de Minas Gerais. Na visita *ad limina*, em 1894, o Bispo coadjutor de São Paulo, Dom Joaquim Arcoverde, conseguiu Redentoristas para o atendimento pastoral em Aparecida.

O grupo de Missionários que veio para o Brasil em 1894, foi dividido para dois santuários: do Divino Pai Eterno, na antiga Vila de Barro Preto, em Goiás e de Nossa Senhora Aparecida, na

Vila de Aparecida, em São Paulo. Desde o início o grupo e as duas fundações foram denominadas Vice-Província Bávara Brasileira. O superior Padre Gebardo Wiggermann residia em Goiás, mas depois de um ano e pouco, mudou-se para Aparecida e com ele a sede da Vice-Província. A cada ano, chegava nova turma de Missionários para os trabalhos nos dois santuários e nas paróquias de Aparecida e de Campininhas de Goiás. Vocações não faltavam na Alemanha, mas ainda assim, resolveram fundar um Seminário no Brasil, pois era preciso garantir a presença apostólica com os nativos, melhores conhecedores da língua e da cultura brasileira.

No dia três de outubro de 1898, fundaram em Aparecida, no fundo do convento onde residiam, o Seminário Redentorista Santo Afonso. O escolhido para diretor foi o Padre Valentin von Riedl, que tinha experiência pedagógica em seminários na Província alemã. Era praticamente uma escola de coroinhas num chalé aos fundos do convento. Mas a esperança falava alto naqueles homens dedicados e abnegados. Com quatro cômodos apenas: refeitório, dormitório, sala de aula e quarto do diretor. A capela funcionava na sala de aula. Foram matriculados cinco meninos que passaram ao regime de internato – havia ainda mais doze que freqüentavam as aulas dadas pelos padres. O chalé atualmente abriga os restos mortais dos Redentoristas, no conjunto do velho convento da Praça Nossa Senhora Aparecida.

Quando o menino Vítor chegou a Aparecida, o seminário já funcionava em outro local. Desde 1902, com o aumento das vocações, os padres haviam comprado um prédio do outro lado da praça, onde era o Hotel Arlindo, oferecendo mais espaço aos cerca de vinte estudantes. Padre Valentin foi diretor até 1904, sendo sucedido por Padre João Batista Kiermaier, que fora aluno do Padre Valentin na Alemanha. Padre João recebeu Vitinho em 1911. Não deve ter sido nada fácil para o menino, até então tido como irrequieto e peralta, dobrar-se ao horário e à disciplina germânica do diretor e dos professores. Mas foi como ele mesmo disse posteriormente: “Foram a vigilância dos superiores e o bom exemplo dos companheiros” que fizeram dele um jovem capaz de levar avante tanto os estudos como o trabalho missionário como padre.

Mas não foram somente a vigilância e o bom exemplo que contribuíram para sua educação e formação religiosa como redentorista. Foram também a fé e os exercícios de piedade, de modo especial a freqüência aos sacramentos, que inculcaram em sua vida o ideal de santidade a ser vivido como padre. Havia uma série de fatores e atividades que orientavam aqueles meninos e adolescentes, burilando suas personalidades rumo ao ideal maior de serviço ao próximo. Eles tinham bons exemplos nos padres e irmãos, além do legado espiritual da Congregação na qual haviam entrado. As conversas, os colóquios, confissões, as missas na capela do seminário e na basílica de Nossa Senhora reafirmaram o sentido da escolha feita e a perseverança daqueles que se ordenaram e seguiram os passos de Jesus Cristo, como consagrados para o ministério sacerdotal.

No Seminário Santo Afonso o cotidiano era o de uma instituição que, embora estivesse apenas começando, já trazia a tradição dos seminários da Europa, obedientes às normas da Igreja estabelecidas no Concílio de Trento (1545-1563). O dia era entrecortado por estudos e orações. Disciplinas variadas e até ensinamentos de urbanidade e boas maneiras eram necessários passar àqueles meninos. E os padres tentavam incutir um espírito vigoroso em seus alunos. Era a famosa expressão latina muito usada: *Esto vir!* Sê homem! Não era uma febrezinha que levava um aluno para a cama. Não havia moleza!

No finalzinho de 1912, o Padre Vice-Provincial comprou uma gleba de terras ao pé da Serra da Mantiqueira, situada a 23 km de Aparecida e pertencente ao município de Guaratinguetá. Nos contornos da Mantiqueira, atrás da casa adquirida, dois lugares propícios ao alpinismo mais arrojado: a pedrona e a pedrinha. Havia perto da propriedade um amontoado de casas em torno de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade. A bucólica vila tinha a denominação de Pedrinha, referência a uma das pedras que dava beleza à serra. Antes mesmo da aquisição da propriedade, era costume que, em tempos de férias, os seminaristas passassem alguns dias na serra, em fazendas de amigos dos redentoristas. Subir os morros, nadar nos riachos, procurar frutas silvestres eram as atividades empreendidas pelos seminaristas.

Vítor vivenciou esses momentos lúdicos e esportivos em tempos de férias e, em 1916 até 1917, ele morou lá, pois a casa da serra abrigou os seminaristas e professores do Seminário Santo Afonso quando este passou por reformas e ampliação. Quando alunos e professores voltaram para o Seminário em Aparecida, em agosto de 1917, Vítor não os acompanhou. Um passo novo estava sendo dado. Ele estava indo para o noviciado. Agora, depois de seis anos de ótima formação intelectual, espiritual e retidão na vivência da escolha feita, o rapaz, alegre e bem-visto, destacava-se entre os colegas.

Vítor não era mais menino, mas um rapaz com quase dezoto anos, e a identificação e a entrega ao projeto existencial escolhido eram cada vez mais profundas. Experienciava um processo que o fez gradativamente amadurecer para a consagração religiosa e para a vida missionária redentorista. O aproveitamento acadêmico fora mediano, como ele mesmo anotou no começo de seu noviciado; “no mais, passaram-se os seis anos em vida ordinária de juvenista, deixando alguma coisa a desejar no comportamento e aplicação”. Vítor era um estudante comum, sem algo que o destacasse dos demais, a não ser o pendor para a arte da comunicação, que já se manifestava. Ele tinha consciência de não haver atingido o ideal proposto pelo seminário, mas estava disposto a continuar, e continuou. Se como aluno Vítor não fora particularmente brilhante, sobressaía-se, por outro lado, de forma admirável, sua própria história, a de um menino vindo de uma infância difícil, rebelde, refratário a limites, que sofrera a ausência da mãe tão cedo perdida, estar, naquele momento, pronto para ingressar no noviciado da Congregação Redentorista.

Quando, na Vice-Província de São Paulo, os candidatos à vida consagrada aumentaram, estabeleceram-se datas e celebrações mais precisas sobre a admissão e a profissão religiosa do noviço. Geralmente, fazia-se, numa celebração própria, a tomada de hábito para quem iniciava o noviciado e a profissão religiosa para quem encerrava o noviciado, no dia seguinte. Quando Vítor foi para o noviciado, a entrada era no dia primeiro de agosto e a profissão para aqueles que completavam o noviciado, por conseguinte, no dia dois de agosto, dia de Santo Afonso. No ano anterior, em 1916, não houve noviços. Mas em julho de

1917, chegavam ao termino do seminário menor dois jovens: Antônio Penteado de Oliveira e Vítor Coelho de Almeida.

No dia treze de julho de 1917, os dois jovens partiram para Perdões, pequena cidade colocada ao pé dos montes graníticos da Serra de Bragança. A cidade abriga um santuário onde se cultua a devoção ao Senhor Bom Jesus, com o título de Senhor dos Perdões.

O santuário de Perdões fora assumido pelos Redentoristas em 1913, atendendo o convite de Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo, que se mostrava muito contente com o trabalho dos filhos de Santo Afonso no Santuário de Aparecida e no bairro da Penha, na capital paulista. Contento estava ainda com as prestigiosas Missões que pregavam por toda a Arquidiocese. No período de 1913 até 1920, poucos foram os noviços que estiveram em Perdões. Depois da profissão de Vítor e Antônio, já se pensava em fechar a casa, devido uma série de dificuldades. Ainda que o Bispo estivesse contente e o cronista tenha sonhado e rezado para que a fundação progredisse, tal não aconteceu. Em 1920, a fundação foi supressa e os Missionários alçaram vôos mais altos para o oeste paulista e para o sul do Brasil.

A tomada de hábito era precedida de um retiro espiritual de quinze dias. Era o começo de uma vivência totalmente nova, na qual momentos de oração iriam predominar ao longo de todo o ano e, com pequenas diferenciações, para toda a vida. E no dia primeiro de agosto, Vítor Coelho recebeu o hábito redentorista. O jovem, no verdor de seus dezoito anos, moreno, com seus quase dois metros de altura, magro, ostentando uma batina totalmente preta – apenas o colarinho branco quebrava a sisudez negra da vestimenta –, causava uma boa impressão. A batina, que um dos Irmãos alfaiates em Aparecida havia confeccionado, caiu-lhe muito bem. Completava o traje o cingulo na cintura de onde pendia o rosário colocado em forma de M para recordar a devoção a Nossa Senhora. Ainda hoje a batina é completamente aberta, podendo ser presa à altura do pescoço e da cintura, deixando, contudo, aberta e livre a parte de baixo, para facilitar as cavalgadas dos padres pelos caminhos das Missões. Foi idealizada pelo próprio fundador, Santo Afonso, sabedor das longas estradas que seus filhos deveriam percorrer para anunciar a copiosa redenção... o no-

viço Vítor teria um ano para rezar, recordar os dias que pertenciam ao passado e contemplar o futuro auspicioso que o aguardava.

Em Perdões, a comunidade redentorista tinha o Padre Carlos Hildenbrand como mestre. No período em que foi mestre, foram poucos os seus noviços, mas soube muito bem transmitir-lhes o jeito, a mentalidade e, sobretudo, a espiritualidade do fundador e o carisma da Congregação. Como praticamente todos os bávaros, fiéis discípulos do horário, da disciplina e da Regra, ele soube inculcar em seus dois noviços daquele ano, além dessas qualidades, grande amor à Eucaristia, a Nossa Senhora e ardente zelo missionário.

Depois de praticamente um ano dedicado ao estudo e à oração, bebendo em fonte límpida a boa formação para o exercício da missão que os aguardava, os noviços chegaram ao final de julho de 1918 preparados para a profissão religiosa. Certamente com carinho e admiração paternos pelos jovens companheiros, os formadores os alertavam e os encorajavam: “Tempestades e lutas não vos foram poupadas. Lembrai-vos que sois filhos de um grande pai que nos precedeu nos sofrimentos. Olhai para ele e animai-vos”. No retiro final do noviciado, após quinze dias em silêncio preparando-se para a festa de consagração, o pregador enfatizou-lhes: “A imitação de Cristo é o caminho do céu. Ele é o modelo dado pelo Pai”.<sup>5</sup> O zeloso pregador ecoava as palavras do apóstolo Paulo: “Tende em vós os mesmos sentimentos de Jesus Cristo” (Fl 2,5).

O dia escolhido para a profissão foi dois de agosto, data em que naquela época se celebrava a festa de Santo Afonso. Nove horas da manhã, a hora marcada. Naqueles dias já começara os festejos da novena do Bom Jesus, padroeiro do santuário e da cidade, celebrado no dia seis de agosto. Entre tantos romeiros e peregrinos encontravam-se, felizes e emocionados, o Sr. Leão de Almeida e a filha Mariazinha, que vieram do Triângulo Mineiro para a cerimônia festiva em que Vítor se consagraria a Deus. Quantos anos passados desde a despedida em 1910, quando o menino partira para o Rio de Janeiro para não mais voltar, pois,

---

<sup>5</sup> Documenta 93. *Relatório das Visitas Canônicas*. No Arquivo Redentorista de São Paulo. Edição interna.

nas idas e vindas da vida, acontecera o inesperado encontro com o Seminário Santo Afonso, em Aparecida! A profissão religiosa era o início do coroamento de uma caminhada vocacional que, aparentemente, tivera todos os ingredientes para não se realizar. A consagração religiosa era o coroamento da resposta a Deus que o chamara, ainda que de um modo não muito habitual. Os surpreendentes e misteriosos caminhos da vida... Vítor tinha consciência da graça divina e, mais ainda, da bondade de Deus. Fora resgatado e chamado para algo especial na Igreja. Ele tinha plena consciência dessa escolha e dizia e repetia que a misericórdia de Deus o resgatara para uma nobre missão. Nobre e árdua missão, acolhida com zelo e amor...

Se a vida no período de formação era dura e a disciplina exigente, bons exemplos não faltavam àqueles jovens que se punham na estrada do seguimento do Redentor. A Regra era tão exigente que se dizia que, em casa, o redentorista era como um monge, ainda que fosse missionário consoante o carisma da Congregação. O ano de noviciado era como “colocar aço no sangue”, na expressão de um ou outro padre alemão que defendia o exato cumprimento da tradição e das normas da Congregação. Tantas eram as prescrições e exigências que, em uma de suas visitas, o Provincial alemão pediu que se as abrandasse um pouco, pois os jovens poderiam não aguentar o peso e o cumprimento daquele ano de noviciado.

#### 4. – *Os estudos superiores e a ordenação sacerdotal na Alemanha*

Passado o ano, feita a profissão religiosa, abria-se à frente o caminho dos estudos de filosofia e teologia para os dois Fraters. Logo que professavam os Fraters eram enviados à Alemanha, para o Seminário Maior da Província de Munique. Mas em 1918 a Primeira Guerra Mundial ainda não havia terminado. Os dois jovens não puderam viajar, por isso iniciaram seus estudos de filosofia em Aparecida.

Em Aparecida, os Redentoristas se preparavam para celebrar o jubileu de prata de presença missionária aos pés de Nossa Senhora e no atendimento ao povo. Mais tarde, Padre Vítor, em

um de seus livros, escreveu sobre essa presença dos alemães no trabalho pastoral do santuário:

O zelo supriu as deficiências de linguagem. E eles conseguiram plantar, junto às fontes do Santuário da Mãe de Deus, a árvore robusta e abençoada da mais legítima e frutuosa religiosidade.

Aparecida assemelhou-se a um grande coração a impulsionar e atrair multidões para se purificarem.

Os missionários saíam, incansáveis, levando o fac-símile da Padroeira, para mais e mais espalharem por toda a parte a devoção a Nossa Senhora Aparecida.<sup>6</sup>

No mês de agosto de 1918, os neoprofessos, Fr. Coelho e Fr. Oliveira, prontos para iniciarem os estudos de filosofia, juntaram-se a outros dois estudantes, Fr. Miguel Poce e Fr. Antonio Pinto de Andrade, que já cursavam o primeiro ano de teologia. Era comum que, logo após a profissão religiosa, o neoprofesso passasse a ser designado Frater seguido de seu sobrenome. Assim, após a sua profissão, Vítor passou a ser chamado Fr. Coelho. Em setembro as aulas foram iniciadas e Fr. Coelho tinha uma nova experiência de vida à frente: o mergulho no mundo dos estudos filosóficos.

No ano seguinte, ainda na normalidade dos estudos, um fato foi marcante para os redentoristas da Vice-Província Bávaro-Brasileira: o jubileu de prata de sua fundação. O primeiro grupo de missionários havia chegado a Aparecida no dia 28 de outubro de 1894 e em Campininhas das Flores – hoje um bairro de Goiânia –, em 12 de dezembro do mesmo ano. Passados vinte e cinco anos, era hora de agradecer a Deus pelo estabelecimento da Congregação em terras brasileiras. A Vice-Província contava então com treze brasileiros: nove padres e quatro estudantes, dois na filosofia e dois na teologia, além dos meninos iniciantes – os juvenistas – no Seminário Santo Afonso.

Os quatro estudantes puderam viajar para a Alemanha em janeiro de 1920. Os anos de estudos da língua germânica agora seriam colocados à prova, pois os confrades bávaros aguardavam

---

<sup>6</sup> V. COELHO DE ALMEIDA, *Os ponteiros apontam para o infinito*, Edições Paulinas, 1960, 239.

os jovens e deles queriam ouvir suas histórias pessoais, fatos e narrativas sobre o país e a Vice-Província distantes.

Finalmente, no dia vinte e três de fevereiro, Padre Antônio Fischhaber e os quatro estudantes, curiosos e emocionados, chegaram ao velho convento de Gars, considerado a casa mãe da Província Bávara.<sup>7</sup> O estudantado começava o ano de 1920, com apenas quinze estudantes, somados os quatro que acabavam de chegar. O ano escolástico começava em setembro. Fraters Oliveira e Coelho, portanto, reiniciaram o segundo ano de filosofia no segundo semestre do ano acadêmico.

No velho e belo convento bávaro, em um ambiente sereno e inspirador, nosso jovem professo passou praticamente cinco anos de sua vida, contemplando seus estudos superiores. Lembranças de um tempo difícil do *kulturkampf*, das perdas durante a I Guerra povoavam mentes e conversas dos confrades. Havia também a recordação do Padre Gaspar Stanggassinger, que falecera em 1899, e que tanto queria vir para o Brasil. Ele foi Beatificado em 1988 e seus restos mortais estão na igreja do convento em Gars.

A Baviera e seus lindos campos que margeiam o rio Inn nos remetem ao Papa Bento XVI. Ele nasceu às margens do Inn e no início de seu pontificado, em seu primeiro pronunciamento, referiu-se a si mesmo como um agricultor da vinha do Senhor. Ainda que seja um teólogo refinado, deixou falar mais alto sua bagagem de infância e suas doces lembranças de camponês da região bávara.

Pelo final de junho, Fr. Coelho prestou exames para finalizar o curso de filosofia. Naquele primeiro semestre, a vida em Gars não fora nada fácil: gente nova, novos costumes, nova língua, além do currículo mais exigente acompanhado por professores mais bem preparados. Se seus boletins do curso de filosofia revelavam que, em algumas disciplinas, o resultado deixara a desejar, no de teologia ele alcançou bons resultados, terminando o primeiro ano com bom rendimento.

Os destaques para esse período de estudos do Fr. Coelho foram sua facilidade com as línguas grega e hebraica e a paixão

---

<sup>7</sup> Cf. [www.klostergars.de](http://www.klostergars.de)

pela exegese bíblica. Vítor Coelho bebeu desta fonte fecunda, e foi a Palavra de Deus, estudada, rezada, profunda e amorosamente vivida, que fez dele o excepcional anunciador da boa nova em sua missão de sacerdote. Na Palavra de Deus, orientadora do dia a dia cristão, ele encontrava a fundamentação e o alimento de toda a sua ação missionária e evangelizadora. E isso muito antes dos pré-anúncios de reforma de Pio XII, na década de 1950 e, mais tarde, do Concílio Vaticano II.

No meio dos estudos de teologia, Fr. Vítor reviveu uma dor que havia sofrido no tempo de menino: uma forte gripe. Infelizmente gripe forte era apenas uma primeira impressão. Era, na verdade, a tuberculose que aparecia pela primeira vez. Alguns padres e irmãos haviam sido também acometidos pelo mal e enviados ao Brasil na esperança de recuperação. Enfrentar o gélido inverno na Europa era uma prova de fogo, ainda mais em tal situação. O caso inspirava cuidados. A solidão de uma enfermaria, a luta quase impotente dos médicos, a febre que ardia e consumia o corpo do doente, tudo figurava um doloroso calvário, ainda mais doloroso porque experimentado e sofrido em terras estranhas, num país distante. Padre João Batista, o Vice-Provincial, que fora seu diretor no Seminário se preocupou e escreveu aos responsáveis por ele em Gars.

A respeito do tratamento do Fr. Coelho, desejamos que nada venha faltar e, quanto às despesas, o Padre Schmutzer anote tudo e nos comunique. [...] Para mim não foi surpresa que o Frater Coelho tivesse essa crise em sua saúde, sendo que teve um crescimento muito rápido e irregular. Seja feita a vontade de Deus! Também sua mãe teve uma morte prematura.

Aproveito a oportunidade para lembrar a V. Revma. uma outra coisa, a saber: nos anos de 1896 e 1897, morreram diversos clérigos em nosso estudantado por causa da tuberculose. O que contribuiu para isso foi a imprudência dos Irmãos que simplesmente passavam as roupas de um desses falecidos para outro confrade sem pensar no perigo do contágio. Por conseguinte, se a doença do Fr. Coelho tiver desfecho fatal, tome cuidado que isto não aconteça, mas cuide que suas roupas sejam todas queimadas, o que nós aqui no Brasil faríamos sem hesitar.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Correspondência da Província de São Paulo (Copresp B), vol. III, carta

Depois de mais de um mês acamado, Fr. Coelho conseguiu recuperar forças e, aos poucos, ir recuperando a saúde. A vida conventual e os estudos não podiam esperar... Orações, retiros, aulas, trabalhos manuais e tantos outros afazeres marcaram a vida desses moços em pleno viço e cheios do ideal missionário. Havia também os momentos lúdicos onde cada um podia se expressar e deixar vir à tona seu lado criativo, extrovertido e artístico. E nesse quesito, Fr. Coelho não ficava a dever a nenhum outro estudante. Certa vez, no carnaval de 1923, ele entrou em cena vestido de índio. Outro colega brasileiro representava um negro. É de se imaginar a estranheza da cena com os dois estudantes no palco diante de austeros professores, na Alemanha, a encenar personagens jamais vistos por seus colegas: um índio e um negro.

Isso custou um preço ao nosso biografado e lhe causou dissabores. Fr. Coelho já tinha alguns degraus da formação escaldados. Nesse mesmo ano que representou um índio numa peça teatral, o seu reitor levantou dúvidas quanto ao seu modo extrovertido de ser e agir e chegou a pensar em adiar a data de sua ordenação. Toda a facilidade e pendor para a expressão artística de Vítor, o tom jocoso com que muitas vezes suas brincadeiras e pilhérias animaram seus confrades, de algum modo soaram estranhos à rigorosa e austera concepção germânica de Padre Jorge Brandhuber.

No final de junho de 1923, Fr. Vítor, Fr. Oliveira mais um confrade bávaro terminaram os estudos teológicos. Era o fim do terceiro ano de teologia. Naquela época a ordenação acontecia depois de três anos de estudos e, depois de ordenado, o padre continuava os estudos cursando um quarto ano, mais voltado para o trabalho pastoral. Se as notas de Fr. Vítor em filosofia deixaram a desejar, o mesmo não se pode dizer da teologia. Em seu boletim, destaque para os resultados em exegese bíblica. Todas as matérias alcançaram o conceito “ótimo”. O tempo aplicadamente dedicado aos livros e aos estudos seguindo uma disciplina germânica, fez com que alcançasse tão notável resultado e tomasse gosto pela Sagrada Escritura. Por toda a sua vida presbiteral a Bíblia

---

596, de 1921. No Arquivo Redentorista de São Paulo.

foi o instrumento de primeira mão na sua missão evangelizadora. Na certa seu empenhado esforço nos estudos teológicos trouxe-lhe o encantamento com a Palavra de Deus e a intimidade com o texto sagrado.

O dia tão esperado chegou: cinco de agosto de 1923, dia da ordenação sacerdotal. Antes, uma semana de retiro, pregado pelo reitor de Forchheim. Tudo aconteceu na bela e multicentenária igreja barroca de Gars. Às oito horas entra solenemente o Sr. Cardeal-Arcebispo de Munique, Michael Faulhaber, revestido com os paramentos sacros. Os superiores, paraninfos e ordinandos seguem Sua Eminência. No presbitério prostram-se os três diáconos: Coelho, Oliveira e Neff. Os fiéis que lotam a igreja cantam as ladainhas. Seus companheiros de seminário cercam o altar, alguns deles trazendo as marcas cruéis da Guerra Mundial.

Quando Vítor Coelho celebrou um de seus jubileus, depois de sessenta anos de sacerdócio, ele expressou o que viveu antes e durante seu ministério sacerdotal: a misericórdia de Deus. Louvava e exaltava a misericórdia do Senhor que tinha sido tão bom para com ele. “Penso que sou filho da misericórdia de Deus. Deus me escolheu para me tirar, como diz a Bíblia, do lodo, lá embaixo, e me colocar lá em cima. Como Davi que foi tirado do pastoreio do gado para se tornar rei”. Este pensamento e a consciência de gratidão, ele os viveu pelos longos anos de sua vida no ministério sacerdotal: filho da misericórdia!

Uma semana depois, Padre Vítor Coelho celebrou sua primeira missa em Forchheim onde os redentoristas tinham igreja e convento. Foi o pregador de sua primeira missa o Padre Afonso Zartmann, que viera para o Brasil em 1902 e, estava de férias, na Alemanha.

Após a missa, o primiciante, depois de dar três vezes sua bênção, voltou em procissão novamente para o convento, onde, durante todo o dia, recebeu as inúmeras visitas que lhe traziam presentes. O convento e a igreja estavam enfeitados, especialmente o altar-mor, todo decorado com flores brancas. Estava especialmente bonito. Muitas crianças participavam do cortejo, todas vestidas de branco, uma delas levando a patena sobre a almofadinha. Era encantador! Ao almoço foram proferidos vários discursos, sendo o do Padre Afonso o mais eloquente e ad-

mirado. Padre Afonso soube unir os sentimentos daquele brasileiro que, em terras estrangeiras, celebrava sua primeira missa ao sentimento do povo católico da Baviera. Ele, que era bávaro e se fizera missionário no Brasil, conhecia muito bem as duas realidades. Era, de certa maneira, o representante da Vice-Província Redentorista brasileira naquele evento tão significativo e solene para Padre Vítor e seus confrades. Falou bonito, de maneira tocante, emocionando os corações dos ouvintes.

Padre Vítor, ainda em Forchheim, enviou um cartão postal para sua família falando de sua ordenação. Enviou-o para o endereço de sua avó, que na época estava em Ouro Preto (MG). Com data de 17 de agosto de 1923, ele diz:

Queridos,

No dia 12 celebrei minha primeira missa. Graças a Deus. Pensei muito em todos e rezei por cada um. A festa esteve belíssima, hei de escrever uma carta em que conte os pormenores, vou ver se lhes mando algumas fotografias... Não sei ainda se as chapas saíram boas. Dê notícias a Rachel também,

Abraços,

Pe. Vítor Coelho de Almeida, C.Ss.R.<sup>9</sup>

Voltando a Gars, para um tempo de férias e preparação para cursar o quarto ano de teologia, Padre Vítor escreveu uma carta para sua irmã Veriana, religiosa do Bom Pastor. A carta foi depois enviada para Mariazinha, a outra irmã que morava em Araxá, que a conservou consigo como uma lembrança preciosa para a família.

Depois de mais um ano de estudos, no finalzinho do ano acadêmico, os padres e estudantes fizeram a tradicional romaria ao santuário de Altötting. Com a chegada do verão chegava também a hora de partida para o Brasil. O que aguardava Padre Vítor no Brasil? A Igreja tomava novos rumos sob a direção de Dom Sebastião Leme, a nova liderança no cenário eclesial. A Vice-Província Redentorista buscava novas searas fundando uma comunidade no sul do país. Havia uma nova frente de trabalho

---

<sup>9</sup> Original no Arquivo Padre Vítor. Pasta Correspondência Familiar. Enviou também uma linda fotografia ao seu pai, onde ele escreveu que seria muito bom se o Sr. Leão estivesse assistido aquele momento sublime em sua vida.

no Oeste paulista e uma casa, a de Perdões, fora fechada. A Vice-Província lutava bravamente para se afirmar e consolidar.

Padre Vítor viveu na Alemanha de fevereiro de 1920 a setembro de 1924. Viveu momentos de sofrimento e as dificuldades com a realidade nova de um país totalmente diferente do Brasil. Mas isso não o fez mudar o seu jeito espirituoso e brincalhão, ao ponto de receber, na despedida, uma chupeta amarrada numa almofada, pelos seus colegas alemães.

##### 5. – *O padre catequista na igreja Santa Cruz, em Araraquara*

Em junho de 1924 começava um novo triênio para a Vice-Província e a lista com as transferências havia chegado de Roma. Depois de descansar em Aparecida, visitar seus parentes no Triângulo Mineiro, era hora de colocar a mão na massa: missionar. Ele ficou adscrito à comunidade de Aparecida, ajudando na Basílica. Padre novo não podia atender confissões, então ele se dedicava a batizar, dar avisos e celebrar para os romeiros.

No ano seguinte Padre Vítor esteve um tempo na comunidade de Araraquara para redigir os sermões da Missão. Isso se fazia durante o Segundo Noviciado, um período em que o jovem padre se preparava para esse trabalho extraordinário. Mas como os jovens padres brasileiros conheciam a língua e davam sinais de responsabilidade e zelo pastoral, o Vice-Provincial adiantou esse processo a Padre Vítor e a Padre Andrade. Com isso eles podiam atender alguma urgência pastoral, uma novena por exemplo. No ano seguinte, em 1926, fora oficialmente transferido para Araraquara, como catequista na igreja Santa Cruz.

Durante todo o ano de 1927, Padre Vítor permaneceu na comunidade zelosamente dedicando-se à formação catequética das crianças. Organizava turmas, separando as crianças por idade ou por nível de aprendizagem escolar. Cuidava da formação das catequistas tendo em vista uma catequese de qualidade. Assumiu ainda a tarefa de catequisar os alunos do Colégio São Geraldo, que ficava próximo à igreja de Santa Cruz, indo ele mesmo uma vez por semana à escola. As notícias contidas no livro de crônicas da comunidade dão sempre informações de que a catequese se desenvolvia “a olhos vistos”, para a alegria dos confrades e do próprio catequista responsável, Padre Coelho.

Além de cuidar da pastoral na igreja de Santa Cruz, os padres atendiam também as Missões, quando solicitados. Quem coordenava as Missões era o padre Vice-Provincial e, ele mesmo escolhia os padres a serem enviados, requisitando-os nas diversas casas da Vice-Província. Várias vezes Padre Vítor permaneceu em casa apenas com os Irmãos, já que todos os padres se ausentavam para esses trabalhos extraordinários. Isso gerava acúmulo de trabalho e, conseqüentemente, certo mal estar entre os próprios membros da comunidade.

A Congregação Redentorista tem um esquema para as Santas Missões ou Missões Populares que foi compilado, elaborado e inovado na época do fundador, Santo Afonso Maria de Ligório. Os alemães no Brasil seguiam tal esquema com algumas variações. Padre Estevão, que no ano de 1928 exercia o cargo de Vice-Provincial, era um grande entusiasta e estudioso das Missões. Estando na Europa para o Capítulo Geral de 1921, recolhera vários esquemas e experiências de outras Províncias e estava elaborando algo que pudesse ser adaptado e aplicado no Brasil.

No começo do ano de 1928, três cidades do Triângulo Mineiro foram contempladas com o trabalho dos missionários redentoristas, mas em forma de Semana Eucarística. Era uma proposta de renovação das Missões que haviam acontecido anteriormente. Os padres voltavam às cidades por onde haviam passado em Missão e, durante uma semana, tentavam reavivar a fé e a devoção do povo com cerimônias especiais dentro e fora da igreja. Do final do mês de fevereiro ao final de março, estiveram em Araguari, Uberabinha (hoje Uberlândia) e Uberaba, os Padres Estevão, Vicente e Coelho. Seria, em certa medida, a inauguração dos trabalhos missionários para Padre Vítor, embora ele tenha atuado junto de Padre Estevão apenas como seu auxiliar e não assumira, sozinho, qualquer tarefa. Mas era o começo... Na passagem por Uberabinha, quantas lembranças e quanta saudade não terão visitado o coração do jovem missionário... Lá estava enterrada sua mãe e, lá, ele havia passado parte de sua infância perambulante.

Em 1930, Padre Coelho já era um homem experimentado, tanto pela dedicação à catequese como pela diligente pregação de Missões. Embora tivesse tanta facilidade e imensa dedicação, faltava-lhe ainda o regulamentar semestre de estudos preparató-

rios para as Missões, o Segundo Noviciado. No mês de maio Padre Estevão não foi confirmado como Vice-Provincial, mas sim mestre do Segundo Noviciado que iria acontecer em São Paulo, no convento da Penha, no segundo semestre.

Padre Estevão contava com dois noviços: Padre Vítor Coelho e Padre Alexandre Miné. Interessante que a Regra era claríssima em relação ao período de cinco anos para a experiência pastoral para depois cursar o Segundo Noviciado. Padre Vítor esperou quase sete anos, enquanto seu companheiro, Padre Miné, tinha chegado da Europa no ano anterior. A programação do curso seguia um horário e esquema preestabelecidos pela Regra seguindo orientações gerais da Congregação. Havia tempo para estudos, orações individuais e comunitárias e também saídas e ajudas nas Missões e outros trabalhos externos. Padre Estevão era um mestre tarimbado como estudioso e prático pregador das Missões Populares. Era preciso inculcar nos padres noviços alguns pontos básicos em prol desta maneira extraordinária do apostolado cristão.

Um missionário não deve ser improvisado. Não é apenas “uma escolha” que forma o pregador e confessor segundo a Copiosa Redenção. Os profissionais como médicos, advogados, juízes, devem fazer seus estágios. No exército, os oficiais têm de passar pela Escola de Guerra. Ora, arrancar as almas do pecado e levá-las a Deus é arte das artes. É, pois, necessário uma formação adequada e séria.

É fora de dúvida que, primeiramente, os frutos do apostolado dependem da ação divina. Contudo, o Divino Redentor ao chamar homens, ao pedir-lhes o concurso, pede que aperfeiçoem sempre mais – natural e sobrenaturalmente – o instrumento e o ministro de suas misericórdias.

E por quê? Para que não contrariem a ação da sua graça até que possam cooperar eficazmente para a glória e a salvação dos homens. E vós, caríssimos padres, fostes chamados – há muitos anos – para este ofício e ministério. Agora, passados os preparativos remotos, chegou a vez dos imediatos e próximos. Chegou a hora da vossa intervenção pessoal, que deverá ser a mais eficaz possível, tão esperada por Deus e pelas almas. Mas isso só será conseguido sob uma condição: se o eleito for verdadeiro amigo de Cristo e excelente operário do Redentor.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Documenta 97, no ARSP. Pasta material usado nos cursos de Segun-

Com objetivos claros e definida a programação, o Segundo Noviciado tinha ainda como preceitos, além da intensificação da piedade e acentuar a vida ascética, um certo isolamento dos noviços dentro da comunidade. Havia horário e momentos comuns apenas entre mestre e noviços. Duas coisas que ainda devem ser consideradas: o Segundo Noviciado, como o mestre orientava, não era apenas escrever os sermões para a Missão, mas também, este era sim, um dos objetivos práticos mais relevantes. A outra característica importante eram as saídas dos padres noviços para ajudarem nas Missões. Portanto, Padre Vítor acompanhou alguns de seus confrades em algumas Missões, na condição de noviço.

Final do curso e a semente estava lançada... mais dois padres estavam aptos para o trabalho da ativa, na Missão redentorista. O modelo apresentado não podia ser outro que a figura do santo fundador que, no seu modo de vida e de sua herança deixou no coração de todos a mensagem de Jesus: “O Senhor enviou-me para evangelizar os pobres...” Foi esta a experiência de Jesus ao ler esta passagem de Isaías na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18). Esta era a mensagem central que foi passada pelas diferentes gerações de missionários desde Santo Afonso, passando pelo ramo bávaro da Congregação na pessoa de Padre Estevão chegando até Padre Vítor Coelho de Almeida. Formado no método próprio de pregar Missão, como redentorista, estava ele pronto para o campo de batalha. Recebeu o conhecimento e o testemunho dos insígnis varões da melhor estirpe de missionários que souberam transpor montes e mares, para pregar em nossas terras de Santa Cruz. Agora é Padre Vítor Coelho, o missionário do povo, o missionário de Nossa Senhora Aparecida, o missionário da misericórdia...

Passadas as festas de natal e ano novo, no dia dois de janeiro de 1931, houve uma celebração na basílica da Penha, presidida pelo Padre Vice-Provincial Francisco Wand. Nesta celebração onde os dois padres noviços receberam a cruz missionária e renovaram os seus votos religiosos, foram declarados prontos para a ação missionária. Três dias depois, Padre Vítor tomou o trem e

---

do Noviciado, organizados pelo Padre Geraldo Pires. Há anotações que ele pegou dos manuais e do Diretório de Missão de Padre Estevão.

partiu para Araraquara, sua comunidade religiosa. Agora voltava não mais responsável pela catequese, mas como missionário.

6. – *O missionário da ativa na capital paulista e em Goiás*

No meio do ano Padre Vítor foi transferido para Goiás. Não era época de transferência, mas o Vice-Provincial precisava fazer um arranjo e remanejou alguns confrades. O trabalho dos redentoristas em Goiás sempre foi muito duro, sacrificado e podemos dizer que, no início, sentiram na pele, a pobreza vivida na comunidade. Longas distâncias a serem percorridas, distâncias na aquisição de víveres e implementos para a subsistência da comunidade. Houve um tempo que o Bispo Dom Emanuel Gomes teve sérios problemas com os Redentoristas, gerando uma crise e pondo em risco o futuro das fundações. Os padres tentavam evangelizar a partir de pousos e giros missionários, praticamente usando o esquema que na história da evangelização do Brasil no período colonial e imperial foi chamado de desobriga. Chegada do missionário, confissão, missa, batizados e crisma, desobrigando os fiéis que estavam distantes da matriz e da participação eclesial durante todo o ano. Era preciso ser criativo, inovador diante dos empecilhos e realidades adversas ao trabalho normal que os Missionários estavam acostumados a realizar.

Padre Vítor partiu para Goiás em julho de 1931. Interessante que antes mesmo de chegar a sua nova comunidade, em Campininhas, ele parou em Catalão para pregar uma Missão. Outros tempos... o missionário levava o mínimo quando fazia a mudança de casa. Nesta cidade, já o aguardava um dia antes, Padre Pelágio Sauter.<sup>11</sup> Padre Pelágio já era experiente e conhecedor do povo e das tradições goianas. Ele estava engajado de modo especial na evangelização através dos giros missionários. Os dois pregaram a Missão em Catalão.

Em Goiás, o método de pregar a Missão não era o mesmo usado em São Paulo. Com permissão do experiente Padre Pelágio, Padre Vítor não teve dúvidas para testar o que ele e os ou-

---

<sup>11</sup> Padre Pelágio Sauter, C.Ss.R, faleceu em Goiânia, em 1961. É Servo de Deus com processo para sua beatificação na Congregação para a Causa dos Santos.

tros Padres chamavam de método de Padre Estevão. Mas o que distinguia a maneira de se pregar em Goiás? Em Goiás, com as cidades pequenas e aldeias longe uma das outras, o que estava funcionando há trinta anos era o tal giro missionário ou a desobriga. Padre Vítor aplicou o método de pregar nas cidades. Primeiro as capelas rurais de modo a ir se aproximando da matriz e concentrar os dez últimos dias em torno do centro, mas sem deixar que antes os que estavam fora do centro tivessem recebido a Missão propriamente dita. Foi um sucesso. Foi uma dupla estréia: era a primeira vez que ele pregava em terras goianas e a primeira vez que aplicava o método da Missão urbana em Goiás.

Final de 1932 e nova lista devia vir de Roma, com opiniões da Alemanha, do Superior Provincial em Gars. Ao final de um ano e meio, Padre Vítor já conhecia bem a realidade de Goiás. Trabalhara na festa em Trindade, ajudou vigários em algumas capelas, cuidou da capela de Inhumas e pregou várias Missões pelo imenso Estado. Ainda que algumas viagens já estivessem sendo realizadas com automóvel, a arte de cavalgar era muito usada e algumas vezes, longas viagens para os pousos missionários eram feitos no lombo de animais. Como ele havia sido transferido na metade do triênio, tinha quase certeza que continuaria por Goiás por mais três anos, a começar no ano seguinte. Mas não foi o que aconteceu. Começo de 1933 ele voltou para São Paulo. Deixou em vários escritos, suas lembranças do tempo que por lá viveu.

E os dois cavaleiros galgavam as encostas da “Serrinha”, rumo ao planalto de quase mil metros de altitude. Inesquecíveis paisagens goianas...!

O coração sente-se como que imerso na imensidade daqueles horizontes e no insondável das amplidões azuis com nuvens lúcidas a navegarem para o infinito. Planaltos, onde as cabeceiras dos grandes rios da Pátria parecem iaras dormindo à sombra dos buritis. Ali correm as emas velozes. E, nas tardes bonitas, o orfeão polifônico das siriemas entoa, em cânon bem revezado, os presságios de bom tempo. As caraíbas vestem-se de ouro no mês de agosto. Os pequis são árvores de beleza e bondade maternal. Ninguém jamais catalogou as mil florzinhas do serrado e do chapadão. Só o viajor sedento sabe avaliar a delícia das mangabas e ariticuns perfumosos a rivalizarem com as garirobas, cajus e pitangas rasteiras e outras frutas gostosas.

Deus é sábio, poderoso e bom. As maravilhas do universo são apenas um rastrozinho impresso pelo Criador na poeira do nada.

Alongaram-se as sombras e o jantar fumegava pelos sapés fulginosos da cozinha, quando dois apearam à porta do rancho.

Reuniram-se muita gente das redondezas, em trajes dominigueiros como se fosse dia santo. Vinda de padre redentorista, por aquelas vastas léguas de sertão, equivalia à pregação de uma Missãozinha.<sup>12</sup>

O tempo que Padre Vítor passou em Goiás fez dele um homem mais maduro e um missionário mais experiente. Além de aprender o ofício de cavalgar e de conhecer a vasta região goiana, pôde ele semear nos corações daqueles que nela viviam a Palavra de Deus e a devoção a Nossa Senhora Aparecida. A convivência com a gente goiana e com seu jeito peculiar de ser naqueles idos da década de 1930 foi para ele uma recordação de seu tempo de menino no Triângulo Mineiro, causada pela proximidade das duas regiões não apenas geográfica, mas, sobretudo, na semelhança do modo de ser e viver de mineiros e goianos.

#### 7. – *O missionário promotor de vocações religiosas e sacerdotais*

Padre Vítor foi transferido para a comunidade redentorista no Bairro da Penha, na capital paulista. Passou a fazer parte da equipe missionária. Nos intervalos das Missões ajudava na Paróquia e no atendimento aos romeiros, pois ali tem um santuário dedicado a Nossa Senhora da Penha. Os missionários da casa da Penha eram responsáveis por pregar nas Dioceses de São Paulo, Santos, Sorocaba e Bragança Paulista.

Nas Missões, os Padres e, de modo especial, Padre Vítor aplicavam-se à motivação vocacional para a vida religiosa e sacerdotal. Em 1933 a Vice-Província lançou uma revista “Boletim Redentorista” com intuito de divulgar o trabalho dos redentoristas e de incentivar vocações para a Congregação. Padre Vítor, que desde então mostrava interesse pela comunicação, foi um dos grandes incentivadores desse meio de comunicação e infor-

---

<sup>12</sup> V. COELHO DE ALMEIDA, *Os ponteiros apontam para o infinito*, São Paulo, Paulinas, 1960.

mação. A coluna vocacional o motivou sobremaneira e fez dele o maior incentivador vocacional da Vice-Província. Os missionários eram instados a seguir a orientação dada através do Boletim e a procurar, durante a catequese ou missãozinha, despertar as crianças para os sinais do chamamento para a vida consagrada. A Missão era a grande promotora vocacional para a Vice-Província. E Padre Vítor vestiu, com entusiasmo e esperança, a camisa de incentivador vocacional. Enviou mais de cem meninos para o Seminário Santo Afonso. Muitos deles, ordenados padres, eram chamados de “coelhinhos”. Um deles foi Superior Geral da Congregação e Bispo, Dom Tarcísio Amaral.

No início de 1936, Padre Vítor foi surpreendido pela lista trienal, agora publicada por Padre Leonardo Eckl. Segundo ela, ele continuaria morador do convento da Penha, todavia não mais como missionário da ativa, mas atendendo a Paróquia e Santuário, função acrescida dos encargos de conselheiro do superior, prefeito dos hóspedes e bibliotecário. Um desafio novo, ainda que ele estivesse habituado a lidar com o povo nas paróquias para a pregação de Missões. Assumidas as novas funções, devia seguir a rotina da vida paroquial, atender aos romeiros, além de melhorar o acervo e a organização da biblioteca do convento. Naquele mesmo ano, o convento da Penha passou também a ser casa Vice-Provincial.

Fiel servidor, Padre Vítor ia integrando-se à movimentada vida paroquial, recheada dos mais diversos afazeres... Só no ano de 1936, na matriz da Penha e capelas adjacentes, os padres batizaram 4.642 crianças e realizaram mais de duzentos casamentos. A demanda era grande: confissões, primeira comunhão, pregações às associações, missas, visitas aos doentes... Mas a vida de um religioso é marcada pelas surpresas e, não raras vezes, surpresas que exigem renúncia e desapego. Porém, formado na escola da ascese e da mística, nos momentos difíceis ele extrai daí sua força e sua perseverança. No mês de abril, Padre Leonardo comunicou a Padre Vítor que ele devia voltar para as Missões. Não mais como membro da casa da Penha, mas de volta à casa de Araraquara. Humanamente falando, era um golpe. Um remanejamento fora de hora!

E a vida continuava... a lista de pedidos para Missões era enorme. Ele passou a coordenar as Missões sob a responsabili-

dade da casa de Araraquara. Procurou atualizar certas cerimônias e adaptá-las de modo a serem mais bem compreendidas pelos fiéis, facilitando assim o espírito de oração especialmente para os mais simples. Não que ele tenha interferido na estrutura ou no objetivo dessas celebrações, mas procurou adorná-las ou retirar-lhes elementos que, às vezes, mais confundiam que ajudavam. Como coordenador, procurou sempre lembrar que Missão é a *Redemptio continuata*... A pastoreação utilizando-se de todos os meios ordinários de uma maneira extraordinária para salvar as almas. Ao jeito de Jesus de Nazaré.

Como aluno e como mestre, Vítor entendia a Missão redentorista como um serviço especial da Igreja ao povo de Deus. E a Missão redentorista é – como sempre foi – essencialmente abrangedora, isto é, quer alcançar e incluir todas as pessoas do lugar onde ela acontece. Seguindo os moldes tradicionais, a Missão devia chegar a todos, sem deixar ninguém de fora. Começando pelas capelas rurais, arredores da cidade e concentrando forças no centro, na matriz, para o solene encerramento.

Como líder da equipe de Araraquara, Vítor sentia necessidade de aperfeiçoar a comunicação ao pregar a Palavra de Deus. Começou a experimentar o uso do microfone e do alto-falante. Ainda que liderasse o grupo, ele teve que pedir licença para introduzir a novidade na Missão. A introdução desse auxílio tecnológico na pregação favoreceu – e muito – tanto a assembleia quanto o missionário que poderia, a partir daí, atingir com maior clareza e com menos esforço o ouvinte.

Padre Vítor cioso de sua tarefa, envolveu-se de corpo e alma na preparação da V Conferência Missionária que teria lugar no convento da Penha, em São Paulo, de vinte e cinco de julho a primeiro de agosto de 1940. Tendo coletado um farto material – diretórios, sermões, cursos de Segundo Noviciado –, Padre Vítor estudou atentamente o que acontecia de novo entre os redentoristas. Um padre redentorista dos Estados Unidos havia compilado e elaborado um novo livro sobre as Missões. O livro havia acabado de ser traduzido para o português e foi sugerido para estudá-lo na V Conferência. “Os grandes sermões da Missão redentorista”, de Padre Joseph Wissel, apresentavam de forma esquemática e com fundamentação bíblica o temário das pregações

da noite durante a Missão. Salvação, pecado mortal, penitência, inferno, conversão, misericórdia de Deus, levantamento do cruzado, todos esses temas foram tratados de uma maneira nova que facilitava sobremaneira o trabalho missionário. Os temas não constituíam qualquer novidade, mas a maneira como eram elaborados prendia a atenção dos ouvintes e a flexibilidade em seu tratamento possibilitava adaptações às realidades novas que surgiam na época.

O fim do ano de 1940 estava pra findar e Padre Vítor sentia o peso da sobrecarga de trabalho. Ainda assim, estava coordenando uma Missão na cidade de Ribeirão Preto. Cansaço. Preocupações. Fragilidade dos pulmões devido à tuberculose que o acometera quase vinte anos atrás. Tempo seco naquele período do ano. O vírus da gripe chegou com força plena. Padre Vítor voltou para Araraquara e, em repouso, seguia o tratamento recomendado. Mas a gripe não passava.

#### 8. – *A missão do sofrimento no auge da carreira*

A gripe forte que teimava em acompanhá-lo não era apenas uma gripe, mas a tuberculose que se reacendera em seus pulmões depois de quase vinte anos de intervalo. Os superiores resolveram que ele deveria vir para São Paulo. O cronista de Araraquara deixou escrito sobre esta triste situação: “Até onde chegará o sacrifício que Nosso Senhor vai exigir de nossa casa? A enfermidade de nosso Padre Coelho nos abateu e nos fez rezar com o profeta: *misericaordiae Domini quia non sumus consumpti*”.<sup>13</sup>

“É antes para a advertência que o Senhor açoita os que dele se aproximam”. Deus, muitas vezes, ensina e admoesta por meio do sofrimento e da dor. No livro de Judite (8,25-26a.27) é claro este embate, que pode ser aplicado à situação de corte abrupto na vida missionária de Padre Vítor Coelho. A proximidade de Deus que se manifesta na dor possibilita essa experiência íntima e profunda do ser humano com Ele. Na carta aos gálatas, Paulo fala dos muitos sofrimentos experimentados desde aquela manifestação na estrada de Damasco: “Com Cristo eu fui

---

<sup>13</sup> Documenta 26, *Crônica Redentorista de Araraquara*, vol. II, no ARSP.

pregado na cruz. Eu vivo, mas não sou eu, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 19b.20). A cruz, assumida por Cristo e por seus seguidores, torna-se assim condição para o novo nascimento no Espírito, caminho para a santidade.

Essa experiência humana de “subir a montanha da dor e da solidão” pode ser – e geralmente o é – questionadora para todo o ser humano. Mas, para o cristão, a resposta prevalecente funda-se na certeza do amor incondicional e infinito de Deus, “nosso refúgio e nossa força” (Sl 46,2), que não nos abandona quando experimentamos nossos limites. Pois, cristãos, cremos que Deus sofre conosco, solidário em nosso sofrimento. A encarnação de seu Filho Jesus é a amorosa afirmação deste amor de Deus por nós. Vindo para nossa história, para “armar sua tenda no meio de nós”, ser um de nós, Jesus assumiu plenamente nossa condição humana, com todas as suas alegrias, mas também com todas as suas inevitáveis dores e sofrimentos.

A fé não nos livra do sofrimento e da dor, mas nos impulsiona a transcender nossas contingências, nossas limitações, nossa fraqueza, pois sabemos que Deus está conosco como estava com Jesus em sua cruz. Está a nosso lado, com incondicional amor, animando nossas forças e nossa esperança, dando sentido pleno a nossa existência.

Em janeiro de 1941 Padre Vítor foi internado em um sanatório em Campos do Jordão. Era seu calvário que começava. Vítor subiu a montanha, triste e abatido sim, mas não revoltado e inconformado. Aceitou, confiante em seu Deus, o novo caminho que se lhe abria. Em outro lugar, em outro púlpito, continuaria sendo o missionário da Copiosa Redenção de Cristo, de sua abundante salvação oferecida a todos, especialmente aos mais pobres e abandonados. Aceitou generosamente entrar no Jardim das Oliveiras e aprender com o Cristo Sofredor o mistério da dor e do sofrimento. Deus estava do seu lado, ele bem o sabia. Padre Vítor estava profundamente imbuído desse sentimento. Para os confrades, no dizer do cronista da Penha, o golpe inesperado fez sofrer toda a Vice-Província.

Durante o tratamento, passou por uma cirurgia e perdeu um pulmão. Ainda assim continuava firme e oferecia o seu silêncio e o seu sofrimento pelas vocações sacerdotais. Um dia, apa-

receu no sanatório um padre holandês que residia no Brasil, Padre Eustáquio van Lieshout, que tinha fama de santidade e de curar pessoas mesmo desenganadas pelos médicos.<sup>14</sup> No encontro dos dois Padres, o taumaturgo afirmou que Padre Vitor iria sarar e fazer muito bem ao povo de Deus. E ele acreditou.

Em Campos do Jordão Padre Vítor procurava visitar outros doentes pelos Sanatórios da cidade e organizar associações e a divulgar a devoção a São Geraldo. Celebrava a Eucaristia para quem quisesse participar, onde estava internado e mesmo nas capelas da cidade. Os médicos permitiram algumas saídas, mas quando a Vice-Província tornou-se Província, em outubro de 1944, ele não pode participar dos festejos. Ele assumiu com determinação o regime do sanatório, obedecendo fielmente aos médicos e às Irmãs enfermeiras.

Um fato marcante na sua vida foi sua participação em programas religiosos numa rádio da cidade que foi inaugurada em 1947. Leigos e Frades Franciscanos eram os responsáveis pela rádio. Padre Vítor assumiu vários programas de catequese, bíblia e mesmo missas irradiadas. Com isso ele se envolveu com o povo da cidade: retiros, rádio, semana santa, Missões... e fez do seu Tabor uma rotina de vida e de apostolado...

Na Páscoa de 1948 ele recebeu alta dos médicos. A Província toda recebeu a notícia como uma graça do céu, um milagre de Nossa Senhora Aparecida. Eis que o menino que, através do pedido do pai, alcançara a graça de encontrar um local para estudar, via-se curado depois de sete anos de tratamento em Campos do Jordão. Vítor voltava a ser missionário da ativa, agora em Aparecida, aos pés da Mãe que tanto amava. Ele voltaria a ser o anunciador das glórias de Maria Santíssima, com sua voz e seu amor, viajando pelo imenso Brasil. Fora cumprido o que dissera Padre Eustáquio: “O Senhor vai viver muito e muito vai trabalhar”.

*Deo gratias et Mariae*, assim o filho querido voltava a viver à sombra do santuário, sob o manto de Nossa Senhora, junto de sua comunidade religiosa. Passou a integrar a comunidade basilical no atendimento aos romeiros. Como os redentoristas editavam o Jornal Santuário de Aparecida, ele passou a ser colabora-

---

<sup>14</sup> Padre Eustáquio foi beatificado em junho de 2006, em Belo Horizonte.

dor, despertando sua veia de escritor. Escrevia semanalmente um artigo intitulado “Janelinha da Arca”. Justificando o título de sua coluna, ele contou que Noé, no Livro do Gênesis, soltou da arca um corvo que não mais voltou. Assim também o missionário gostaria de soltar, por intermédio de suas palavras, um corvo que expulsasse dos corações a descrença e a falta de confiança em Deus. Em seguida Noé soltou uma pomba que voltou trazendo no bico uma pequena folha. Do mesmo modo o missionário desejaria soltar uma pomba que, simples e fecunda, desdobrasse as asas do Sol do Amor Eterno e voltasse aos corações com o ramo verde da esperança. E se apresenta, feliz e bem-humorado, a seus leitores para seu novo apostolado: o de escritor.

Alguém de nós que foi missionário do povo e, depois, como um navio que se recolhe avariado aos estaleiros, passou sete anos em Campos do Jordão. Agora, à atividade, forte e contente mas... hum! Bem dizia o poeta Horácio que o tímido navegador não se fia em velha nau pintada de novas tintas. Assim torna-se necessário dar adeus às Missões e imitar Santa Teresinha que, conservando olhos e coração de águia para fitar o Sol divino, agitava as asinhas implumes e impotentes dos desejos santos e elevados.

Esse alguém, que foi missionário, recebeu para consolo um cantinho nas colunas do “Santuário de Aparecida”, onde escrevia alguma coisa para a glória de Deus e a salvação das almas.<sup>15</sup>

Em 1948 ele celebrou seu jubileu de prata de ordenação sacerdotal, aos pés de Nossa Senhora Aparecida. No trabalho com os romeiros, conseguiu se destacar ao implementar o atendimento e criar horários para uma catequese para as crianças, que ele chamou de missãozinha. Ele e Padre Andrade, o reitor, inovaram alguns pontos e mais algumas cerimônias para melhor servir ao romeiro.

Mesmo com o trabalho na basílica, ele continuava a atender alguns pedidos para novenas e festas do padroeiro, de modo especial em cidades que ele havia pregado Missões. Em janeiro de 1949, ele passou dez dias em Tietê pregando o retiro para os

---

<sup>15</sup> Jornal “Santuário de Aparecida”, 25 de abril de 1948. Coleção encadernada do ano de 1948, no ARSP.

estudantes de teologia e filosofia. O estudantado em Tietê vivia seus melhores momentos. Naquele ano, já terminando o curso de teologia, havia cerca de quinze estudantes que, ao serem ordenados, dariam impulso e vigor sem precedentes à Província. Muitos daqueles rapazes que então bebiam de límpida fonte bíblica em suas aulas de exegese e na mais pura tradição da Igreja, com gabaritados professores, tinham sido vocacionados de Padre Vítor. Meninos que se haviam encantado com a pregação e o jeito de ser do grande missionário, agora afinados com os estudos filosóficos e teológicos, preparavam-se para o serviço do altar.

Um ano depois Padre Vítor foi nomeado confessor dos estudantes em Tietê. A cada dois meses ele se deslocava para lá, afim de ouvir os setenta estudantes e dar-lhes conselhos conforme as orientações da época. E uma nova década despontava, para ele e para todos os que naquela época que eram atores no palco da vida...

#### 9. – *Em Aparecida, ele vê nascer uma estação de rádio*

Os Redentoristas conseguiram uma concessão de rádio para o santuário e esta foi inaugurada em oito de setembro de 1951, a Rádio Aparecida. Entre os confrades, de modo especial entre os de Aparecida, era notório o interesse de Padre Vítor pela emissora de Rádio recém-conquistada. Mas ele tinha outras funções a exercer: missionário, escritor, auxiliar da Paróquia e da basílica. Além de cumprir bem essas tarefas, precisava estar sempre atento a seu estado de saúde, pois com a tuberculose não se podia brincar. E quando saía para trabalhos extraordinários, buscava ser substituído nos horários de catequese, missão-zinha às crianças e nas missas que gostava de comentar quando eram transmitidas pela Rádio Aparecida.

A Rádio Aparecida, com apenas três anos de funcionamento, conseguiu ampliar sua área de alcance. A nova emissora passou a atuar em ondas curtas, na frequência de 31 metros, 9,620 KC, prefixo ZYR 83, com uma potência de 7,5 KW. Uma mudança que possibilitou maior penetração e maior abrangência de sua programação. Em 1955, o então diretor da Rádio, vendo a necessidade de recursos para manutenção e investimentos na mes-

ma, resolveu criar uma associação de ouvintes. Ele chamou de “Clube dos Sócios”. Ao se inscrever, o associado enviava uma fotografia e comprometia-se a pagar uma contribuição anual. Recebia então uma carteirinha de membro do clube. A adesão foi imediata e, até a década de 1980, o clube só viu o número de associados crescer. Padre Vítor foi o grande incentivador do Clube e é dele a expressão que alavancou o número dos associados: “quem ajuda a pregação tem méritos de pregador”.

Ele apresentava o programa “Os ponteiros apontam para o infinito”, ao meio-dia. Além deste, outro destaque na história da Rádio Aparecida foi o programa “Consagração a Nossa Senhora”. A partir de 1957 Padre Vítor passou a ser o titular do programa, trazendo à reflexão diversos temas como mariologia, eclesiologia, catequese, doutrina... Sempre com unção, falando de assuntos vários, ao final, convergia tudo para Jesus e Maria. Com unção e carisma, entrou no coração de milhões de ouvintes: “Caríssimos, são três horas... hora da consagração...”. Durante mais de trinta anos, até praticamente às vésperas do dia de sua morte, com voz cansada e pausada, ele repetiu pelas ondas da Rádio: “É hora da consagração”.

Em 1960 ele viu publicado um livro de sua autoria. Ele conservava os esquemas, rabiscos, anotações e *scripts* feitos para os seus programas, de modo especial o do meio-dia. Ele foi incentivado por confrades e amigos a organizar o material e apresentá-lo para publicação. O livro saiu pela Editora Paulinas e foi um sucesso. Ficou tão contente com o resultado que anos mais tarde publicou também: “Idolatria e Culto das Imagens”, pela Editora Santuário, em 1965. Se o primeiro era mais poético, o segundo era mais doutrinal, na intenção de instruir e catequisar os católicos.

Depois de dez anos dedicando-se de corpo e alma no apostolado da Rádio Aparecida, Padre Vítor assume a direção da mesma, em setembro de 1965. Continuou com seus programas, suas viagens com a imagem fac-símile de Nossa Senhora em prol do Clube dos Sócios a pensar e a executar a expansão da rádio de Nossa Senhora. Fez várias reuniões até sair a proposta para uma programação conjunta com a Rádio 9 de Julho, da Arquidiocese de São Paulo. Pensou numa cadeia de rádios católicas e

mesmo em uma TV católica. Fez tudo o que estava ao seu alcance, mas não viu todos os seus sonhos realizados.

Para um homem com sessenta e sete anos, era invejável sua capacidade de trabalho. Reuniões, viagens... ora para buscar a expansão do Clube dos Sócios, ora para elaborar o contrato com a 9 de Julho, ora para apresentar reivindicações junto ao Contel, no Rio de Janeiro, para obtenção das devidas licenças governamentais. Já findando agosto de 1966, o canal 2 TV Cultura e Rádio Cultura, dos Diários Associados, foram colocados à venda. Os dois meios de comunicação estavam cedidos à Fundação Padre Anchieta desde 1960. O preço, na época, era de quatro bilhões de cruzeiros. Padre Vítor vibrou com a possibilidade de compra. Informou-se e soube que apenas a TV gastava cinco milhões de cruzeiros por dia. Mas o Clube dos Sócios da RA rendia um milhão por dia. “Fiquei de queixo caído. Se as forças católicas se unirem será isso um bem possível. E quando o Clube entrar na capital pela 9 de Julho, interior de São Paulo...” E anota em seu diário: “Já estive tratando com o Cardeal Rossi sobre a TV e Rádio Cultura. Falei com o Provincial contactar a Conferência dos Religiosos e quem sabe pensarmos uma confederação com religiosos e dioceses para os meios de comunicação”.<sup>16</sup>

Em 1967, a serviço da Rádio, esteve na Europa buscando recursos para a construção de um novo prédio para a RA. Ele uniu o útil ao agradável, pois uma viagem de “negócios”, ele aproveitou para ir a Gars, depois de mais de quarenta anos passados... Ir a Roma, que não conhecia mesmo tendo vivido tanto tempo na Europa como estudante.

#### 10. – *O pregador incansável das glórias de Maria*

O ano de 1968 foi um marco histórico para a sociedade e para a Igreja sob diversos aspectos. Auge da Guerra Fria, o mundo era visto e entendido como uma realidade dividida entre dois pólos: URSS e USA. Quem não fazia parte desse jogo ideológico não era contado entre os países alinhados. Pode-se dizer que aquele ano foi um despertar de incontornáveis sentimentos de frustra-

---

<sup>16</sup> Arquivo Padre Vítor, Pasta Diário.

ção e de aspirações sufocadas, ou a explosão dos efeitos colaterais de injustiças sofridas por tantas sociedades no âmbito da política, da economia e da religião.

Padre Vítor vivia tudo isso em seu coração e sua vida era tocada por todas as reviravoltas que movimentavam a Igreja. Ele soube fazer esta passagem com serenidade, mas participativo. Às vezes, era até criticado por seus pares que diziam estar ele indo depressa demais, avançando ligeiro em diversos campos da teologia, da moral, da eclesiologia. Um sopro novo perpassava a Igreja, inspirando novas formas de liberdade, de sonho, de mundo... E Vítor, como diretor da RA, preocupava-se em promover o cidadão para sua inserção na sociedade. Em seus programas, falava de promoção social e de direitos humanos, temas candentes que abarcavam a promoção da vida, indo desde participação comunitária e cidadania até noções básicas para a melhoria da qualidade de vida, como beber água filtrada e ter fossa sanitária no quintal. Se, num primeiro momento, a RA apoiou o Golpe de 1964, ela não permaneceu ao lado dos militares em nenhum momento depois, tendo procurado se firmar e marcar terreno mesmo enfrentando um campo minado como o da censura.

Padre Vítor tinha uma característica de personalidade bem marcante e bem perceptível por seus confrades e por todos os que tinham com ele um convívio próximo: o temperamento forte, impetuoso, às vezes impulsivo. Mas era também notável sua luta cotidiana e incessante para discipliná-lo. E como sabia que, às vezes, inadvertidamente, poderia magoar alguém, inquietava-se com esta possibilidade e buscava sempre reparar qualquer falta, por menor que fosse, confessando-se com frequência e aproximando-se dos confrades para pedir perdão, quando havia algum desentendimento ou quando sentia que poderia ter ferido alguém. Por outro lado, era solícito e acolhedor, atendendo com carinho as pessoas que o procuravam. Com prazer, juntava-se aos romeiros que pediam uma fotografia com ele na praça. Poder-se-ia talvez pensar que tal gesto revelasse vaidade ou necessidade de autopromoção, mas quem viveu ao seu lado sabia de suas boas intenções.

Em 1970, ele deixou a direção da Rádio. Um de seus “coelhinhos” assumiu, o Padre Orlando Gambi. Mas ele continuou a

fazer parte dos quadros de apresentadores e cada vez mais empenhado na divulgação do Clube dos Sócios através das viagens com a imagem de Nossa Senhora.

Ao final do ano de 1971, Padre Vítor empenhava-se na gravação de um disco compacto com uma música de sua autoria, “Salve a Santa Imagem”. Ele havia gravado um LP onde reproduzia uma missa do Santíssimo Sacramento, consagração a Nossa Senhora e músicas marianas. Dono de sensível veia poética, ele já deixara sua verve em muitos escritos para o jornal “Santuário de Aparecida” e em seu livro “Os ponteiros apontam para o infinito”. Desta feita, uma música para homenagear Nossa Senhora.

Salve, santa Imagem  
Da grande Rainha  
Mãe do Redentor  
Mãe de Deus e minha!  
Mãe Aparecida  
Tens do escravo a cor,  
Para nos lembrar  
O Libertador.  
Um preço infinito,  
Morrendo na Cruz,  
Deu por nossas almas,  
Teu Filho, Jesus. [...]  
Mãe Aparecida,  
Salve a nossa Terra  
E no manto azul,  
Meu Brasil encerra.  
Em Deus e na Fé,  
Viva a Pátria, unida  
Em Cristo e Maria,  
Mãe Aparecida!

A rotina diária a ser cumprida era cheia, e ele trabalhava com prazer. Nas segundas-feiras, às seis horas fazia, pela RA, a “Oração da manhã”; “Entrevista com os romeiros”, nas terças, quartas e domingos. Todos os dias, o programa do meio-dia, “Os ponteiros apontam para o infinito”, e o das quinze horas, “Consagração a Nossa Senhora”. O trabalho era prazeroso, mas era

preciso também descansar. Conseguiu passar um mês em Campos do Jordão para rezar e refazer as energias e esteve também internado na Santa Casa, para exames de rotina, quase às vésperas de sua festa onomástica, solenidade de São Vítor I, Papa, dia vinte e oito de julho. Justamente nesse dia, começavam os festejos de seu jubileu sacerdotal. Ainda assim, ele continuava atendendo um amplo calendário de viagens. O cronista – algo entediado – apenas anotava: “Padre Coelho saiu para mais um giro com a imagem de Nossa Senhora em favor do Clube dos Sócios”.

Naquele ano ele havia inovado a programação da Rádio colocando no ar, em melhor horário, o culto comunitário. Ele mesmo deixou anotado a necessidade de tal procedimento.

Para os católicos que não podem ir à missa de domingo, a RA irradiava, desde os inícios da onda curta, as missas das 09h00 e das 18h30.

Durante a gestão Padre Vítor, foi criada a irradiação, em reprise, às 13h00, visto que nesse horário a penetração das ondas de 31 metros é, em duas terças partes, maior que às 09h00. Igualmente pelo motivo de que às 13h00 a população está reunida em casa depois do almoço e antes do futebol.

Agora foi resolvido que às 13h00 fosse oferecido o “culto da Palavra”. Com muita propaganda, isso foi anunciado. Antes desses acontecimentos eu já vinha, há bastante tempo, fazendo enorme propaganda das “comunidades de base” e da respectiva participação das mesmas no culto dominical. Minha pregação insistente foi sempre que o domingo é o dia pascal; que o culto pascal é a missa; que na falta da missa, o “culto da Palavra” deve referir-se, quanto possível, ao altar (representação do calvário, da Ressurreição e subida ao céu) conforme os documentos oficiais da Igreja.

Sempre mostrei a diferença entre o culto católico e o protestante, justamente no concernente ao sacerdócio ministerial, a missa e ao altar. Já tem mais ou menos uns oito anos que falo intensa e eficiente das comunidades de base e do culto da Palavra. Mudanças que vêm para melhorar, ainda assim, a missa irradiada nesse horário pode ser mais vantajosa.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Arquivo Padre Vítor, Pasta escritos pessoais. Datilografado, original, com data de 11 de abril de 1973.

A celebração de seu jubileu áureo de vida sacerdotal marcou o ano. Praticamente, foi a maior festa realizada em Aparecida em homenagem a um redentorista. Muitas outras festas já haviam acontecido – jubileu de prata e de ouro da chegada dos redentoristas, celebrações de outros jubileus de ouro de ordenação sacerdotal – mas nenhuma delas alcançou o brilho das festividades em homenagem a Padre Vítor. Até porque, muitos padres, notadamente entre os alemães, não puderam celebrar seu jubileu áureo, já que a morte os apanhara antes da data a ser festejada. E as homenagens a Padre Vítor duraram uma semana de intensa programação.

#### 11. – *O comunicador que fala ao coração do povo*

No mês de junho de 1974, Vítor escreveu uma longa exposição historiando a sua participação na RA. Ele intitulou “Contribuição para a História”. Começa afirmando ter sido sempre a pastoral a grande finalidade da RA. Que antes e depois do Concílio a RA procurou sempre se orientar pelo Magistério da Igreja, cartas dos Papas, Concílio Vaticano II, jornal *L’Osservatore Romano*, Sínodo dos Bispos, orientações do Celam – como em Medellín –, Plano de Pastoral de Conjunto da CNBB, orientações diocesanas e pelo carisma da Congregação Redentorista. Assinala que a RA observou sempre as orientações das encíclicas sociais de João XXIII e Paulo VI, e que valorizou e buscou suporte também nos ensinamentos e postulados da Sociologia para bem trabalhar junto ao povo... Enfatiza que a RA esteve sempre atenta aos sinais, às demandas e interpelações dos novos tempos buscando aprofundar a compreensão e interpretação dos acontecimentos...

Ele teve alguns problemas com o diretor que o substituiu na Rádio, o Padre Orlando Gambi. Mas, as vezes que o clima esquentava, ele sabia pedir desculpas, inclusive por escrito. Certa vez ele foi até suspenso e proibido em fazer certos programas. Mas logo as coisas se ajeitavam. Tanto é que quando Padre Gambi celebrou seus vinte e cinco anos de sacerdócio, os dois foram juntos para a comemoração em Minas Gerais. Padre Gambi era também um “coelhinho”.

O ano de 1975 se despedia. Este ano fora declarado Ano Santo pelo Papa Paulo VI dando continuidade à antiga tradição da Igreja de, a cada vinte e cinco anos, celebrar um ano jubilar. Na exortação apostólica *Gaudete in Domino*, promulgada em maio, o Papa convidava o mundo católico a viver três dimensões naquele Ano Santo da Reconciliação e da Alegria: a alegria, a renovação interior e a reconciliação. E, no final do ano, no dia oito de dezembro, Paulo VI deu a conhecer o resultado do Sínodo sobre a evangelização, com a promulgação da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, que marcou profundamente conteúdos e métodos de evangelização na Igreja. Padre Vítor comentou todos esses acontecimentos e documentos em seus programas, em linguagem acessível ao povo simples que o escutava através da RA.

Provavelmente devido à idade já um pouco avançada, volta e meia Padre Vítor falava em mudar de casa a fim de integrar a comunidade das comunicações que morava em outro edifício da cidade de Aparecida. Chegou até a falar com o Provincial e a fazer um comunicado oficial sobre tal mudança. Passavam-se alguns dias e ele desistia da ideia. Mais uma semana e ele estava novamente firme no propósito de se transferir, chegando até a pedir ajuda para arrumar a bagagem. Mas, e as orquídeas que ele cuidava com esmero? E o povo? O convento velho está plantado no ponto mais central da cidade. Bastava abrir a porta e já estava no meio do povo amado. A praça cheia de romeiros, o burburinho dos devotos que, desde a madrugada, encanta quem quer ver um belo momento de fé. Como faria para subir as ladeiras, posar para fotografias e dar seus plantões na basílica velha se a comunidade das comunicações ficava ao lado da RA, na parte baixa da cidade? Por fim desistiu... Como se não tivesse podido resistir aos apelos do velho convento, das orquídeas, da tagarelice tão longamente conhecida e amada dos romeiros, de seus tímidos e carinhosos pedidos para uma fotografia... Dentro do velho coração, uma voz, silenciosa e calma como uma vela que vai se consumindo aos poucos, por certo sussurrou-lhe: “Deixe ficar assim...” Ele, finalmente, sossegou...

Retiro e descanso em Campos do Jordão no começo de cada ano, viagens, programas na RA, missas, idas aos médicos para o necessário *check-up*, as orquídeas exigindo cuidados, fotografias

na praça, tempo de oração comunitária e pessoal, missa diária, plantão na basílica velha, correspondências... Seu tempo era todo ocupado e tomado por estas atividades que, embora pudessem parecer a outros rotineiras e repetitivas, encantavam o velho missionário. Era uma rotina desejada e amada. Era o belo mistério da vida simplesmente acontecendo... Por isso seus programas, ainda que gravados, nunca perderam a teologia poética e amorosa. Em um deles, ele falava sobre a temática da amizade.

A amizade pressupõe amor. Só a troca de bens não é amizade.

Jesus sabia ser amigo dos seus amigos. Haja vista a amizade dele a Lázaro e às irmãs de Betânia.

Seus maiores amigos eram os Apóstolos que ele reuniu em torno de Si e aos quais disse: “Não sois meus escravos, mas meus amigos, porque tudo o que vi em meu Pai, eu vos contei”. Isso é doação e amor. Tudo o que Jesus era e tinha, Ele abria aos seus. O maior dom é o dom de si. [...]

A amizade preocupa-se com a felicidade do outro. Jesus usou a poética comparação da galinha que esconde seus pintinhos debaixo da asa. Assim, ele procurava abrigar todos os seus amigos em sua proteção. Jesus orou por Pedro. Todo amigo pensa no bem do outro, torce em favor do outro e sempre está inclinado para o amigo.

Na geleira, que é montanha de gelo a boiar nos mares nórdicos, o que aparece fora da água é apenas uma terça parte do que fica escondido debaixo das ondas. Assim é o homem. Duas terças partes do nosso ser, da nossa mentalidade, dos nossos pensamentos, do nosso amor, dos nossos sentimentos, estão escondidos no subconsciente. Quando você, no íntimo do ser, é de fato amigo, então você simpatiza e torce a favor. Mas, quando você, no subconsciente, não é amigo, mas invejoso, ciumento, mau, adversário e contra, então o que aparece por fora é apenas uma parcela da realidade má. [...]<sup>18</sup>

Em maio de 1978, a imagem de Nossa Senhora Aparecida sofreu um atentado por parte de um jovem desequilibrado. Um sentimento inexplicável tomou conta de quem assistia àquele atentado à veneranda imagem. Pedacos e cacos foram recolhidos e protegidos pelos responsáveis da pastoral no santuário. A notícia espalhou-se como fogo em um rastilho de pólvora.

---

<sup>18</sup> Arquivo Padre Vítor, Pasta Programas na Rádio Aparecida.

No nicho, foi colocada uma cópia da imagem feita de bronze. A afluência de romeiros aumentou e, enquanto era decidido onde restaurar a imagem, o povo de Aparecida decidiu fazer um ato de desagravo a Nossa Senhora. Quatro dias depois, a praça da basílica foi pequena para acomodar a multidão reunida para o momento de oração, recolhimento e pedido de perdão e celebração da eucaristia.

Ao final do ato de desagravo, o Padre Provincial teve um gesto comovente: fez com que flores fossem levadas pelas crianças às mãos de Padre Vítor Coelho, o missionário da Senhora Aparecida. Antes de receber as flores, o velho missionário foi até o microfone e diante da multidão pediu perdão por suas faltas... Emocionado, com a voz embargada, ele chorou! As lágrimas escorriam livres e incontidas pelo rosto envelhecido... Conseguindo recobrar a voz ele disse: “Eu que sempre levei a imagem de Nossa Senhora Aparecida pelo Brasil afora... Eu sou o burro que levou a Virgem para o Egito...” Novamente a voz embargada, o silêncio da praça foi quebrado pelos soluços dos que choravam com o velho Missionário de Aparecida, Padre Vítor Coelho de Almeida!

Depois que a imagem fora restaurada e retornou para Aparecida, no dia da festa, em doze de outubro daquele ano, ele falou emocionado, ao meio-dia, sobre o significado do momento vivido.

Meio-dia! Grande festa de Nossa Senhora Aparecida...!

Badalam os sinos e milhões de fogos espocam nos céus das cidades e das roças! Cada foguete é como um voto de plebiscito nacional a clamar ufano: “Viva Cristo, Rei!” e “Viva a Senhora Aparecida, Rainha!”

A imagem de Aparecida tem mãozinhas postas em oração para significar que ela pode amparar, rezando... E a oração dela é onipotente, porque Jesus falou que toda oração feita em nome dele será atendida. Mas a oração só se torna em nome de Jesus pela fé, pela confiança, e pelo amor ao Cristo. E o grau da fé, do amor e da confiança no Redentor depende do grau com que o Espírito Santo nos auxilia.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Arquivo Padre Vítor, Pasta Programas Rádio Aparecida.

## 12. – *O entardecer de sua morte... e o amanhã da vida*

Setembro de 1979 chegando... Em nosso hemisfério sul a primavera começa no dia vinte e três de setembro. Um dia antes do início da primavera de 1899, nasceu Vítor Coelho de Almeida. O bravo missionário completava oitenta anos... Menino crescido em uma família mal-estruturada, carente de orientação e segurança, ele sofreu muito nas andanças familiares à procura de melhores condições de vida. Deixado no seminário redentorista em Aparecida, lá encontrou seu caminho e sua missão. Das vezes a tuberculose colocava em risco sua vida. Certamente ele podia rezar como o salmista rezou um dia, meditando sobre a fragilidade humana que se ampara na infinita e incondicional misericórdia de Deus. “Setenta anos é o tempo da nossa vida, oitenta anos, se ela for vigorosa... Ensina-nos a contar nossos dias, para que venhamos a ter um coração sábio” (Sl 90).

Em meados do ano de 1980, o Papa João Paulo II fez uma visita ao Brasil e a cidade de Aparecida foi escalada para recebê-lo também. No dia trinta de junho daquele ano o Presidente da República decretou o dia doze de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida, como feriado nacional. Dois motivos, portanto de alegria para a comunidade redentorista de Aparecida: o feriado nacional e a visita do Papa.

Entre viagens e seus programas - ora gravados ora ao vivo -, Padre Vítor levava seus dias e sua vida missionária como sacerdote redentorista. Sua popularidade, sempre em ritmo crescente, nunca esteve tão alta como quando seus anos de velhice chegaram, quando já cruzava a linha dos oitenta anos de vida. Popularidade centrada na verdade de sua vida, vista e sentida por seus ouvintes na RA, tanto nos programas como no contato mais próximo quando os encontrava nas cidades que visitava levando a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Durante o seu programa das quinze horas, o da Consagração, ele pedia aos ouvintes que colocassem um copo de água ao lado do rádio. Ele dava uma bênção e quem o escutava tomava da água benta. Havia neste gesto simples o desejo de estar próximo, de tocar o coração do povo, levando-o a se lembrar, na labuta da vida diária, da presença e da bondade de Deus. Mas, embora o ardor e o ze-

lo missionário falassem mais alto, sua ação ia sendo limitada pelo peso da idade que exigia mais repouso.

Em outubro de 1982, a comunidade dos Redentoristas que trabalhavam no atendimento pastoral no santuário, mudou-se para um novo convento, bem ao lado da basílica nova. Padre Vítor, como, membro da comunidade, também fez a mudança. Depois de alguns dias, outra mudança histórica: a imagem original de Nossa Senhora Aparecida – aquela encontrada nas águas do Rio Paraíba pelos pescadores – também mudou para o novo santuário. Foi celebrada missa, uma procissão solene acompanhou-a pela cidade e a imagem foi colocada em seu nicho, em lugar de destaque na Basílica Nova.

Muitos confrades falaram e escreveram sobre Padre Vítor, sobre sua marca pessoal no trato sempre brincalhão com os confrades e, em matéria de fé e costumes, sempre um apologista da reta doutrina. No dia a dia, chegava, muitas vezes, a ser um controversista, pois não dispensava uma boa prosa nem uma boa discussão quando se tratava de temas que defendia com convicção, como a devoção a Nossa Senhora. Para isso pregava, discutia, escrevia – chegou a publicar um livro explicitando a diferença entre adoração e veneração de imagens. Os confrades, ao longo dos anos e da convivência, aprenderam a respeitá-lo e era, com todas as suas singularidades, admirado por todos. Já distante dos anos em que dirigiu a RA e já longínquos os atritos quanto à maneira de administrar a emissora, agora ele curtia a serenidade de uma ditosa velhice. Ainda assim, mantinha-se sempre estudioso e atento aos fatos, não somente àqueles que eram notícias e manchetes, mas atento também aos detalhes dos acontecimentos do dia a dia. Sobre teologia, certa vez declarou na RA.

Teologia sempre foi meu gosto maior. De todas as ciências que eu estudei, a que mais me agradou foi a Teologia, porque além de ser ciência, é vida. A gente aprende sobre Deus e as suas coisas. Para mim o estudo de Teologia (quando clérigo) foi apenas iniciação, depois é que estudei muito. Aqueles quatro anos não dariam para nada, mas a vida inteira eu estudei muito Teologia, coisas bem modernas. Depois, quando veio o Concílio Vaticano II, eu ainda não me quis deixar atrasar, não. Depois de velho continuei estudando e até agora estudo muito. Quando

chego no meu quarto, fico sempre lendo, isto se não estou gravando. E depois, pela vida, lendo e vivendo é que o homem pode se tornar teólogo.<sup>20</sup>

O finalzinho de julho de 1983 foi a data marcada pelos Redentoristas para a celebração dos sessenta anos de sacerdócio do missionário d'Aparecida. Era tempo de agradecer, recordar a juventude e a alegria da ordenação em Gars, em 1923. Eram passados sessenta anos de labor missionário e apostólico na vinha do Senhor. A celebração foi realizada na basílica, em missa concelebrada, presidida por Padre Vítor e pregação feita pelo bispo de Limeira (SP), Dom Tarcísio Amaral, um de seus "coelhinhos", que celebrava quarenta anos de sacerdócio.

Os anos passando... finitude. Condição inexorável da existência humana! Padre Vítor sentia o peso dos anos e muitas vezes brincava sobre a velhice. Sabia que o momento da passagem deste mundo para a casa do Pai não estava longe. A fé fazia-o sereno. E, por certo, o sentimento de vida e de missão cumprida preenchia todo o seu ser.

A vida cristã é um convite permanente a cada batizado a que caminhe em direção à santidade. É a experiência da vida proposta pelo Pai por meio de Jesus Cristo. Vida de comunhão com Deus e com o próximo, na união oferecida pelo Espírito, visto que o amor a Deus e ao próximo, na união oferecida pelo Espírito, visto que o amor a Deus e ao próximo são inseparáveis. Essa vivência e a santidade a que todos são chamados. O convite é feito a cada um de nós e nossa trajetória humana. Pois a santidade não é algo que se alcança após a morte, mas na prática do amor vivido na concretude do dia a dia da vida, com todas as suas demandas, suas possibilidades e dificuldades. É resposta viva ao apelo de Jesus de Nazaré: "Se vos amardes uns aos outros todos saberão que sois meus discípulos" (Jo 13,35). Quantos homens e mulheres, anônimos e esquecidos, fizeram de suas vidas uma oblação, tornaram-se uma luz no meio do mundo com a verdadeira entrega de suas vidas à causa do Reino de Deus em suas casas, em seus empregos, experimentando alegrias e triste-

---

<sup>20</sup> Arquivo Padre Vítor, Pasta Homenagens Jubilares. Parte de uma entrevista na RA, em 1983, quando completava 60 anos de sacerdócio.

zas, cada qual de acordo com sua vocação, seu chamado!... Em primeiro lugar a Virgem Maria, a mãe de Jesus, imaculada e santa, primeira discípula, silenciosa e seguidora; assim também os Apóstolos e mártires, vivendo a fé e a esperança a que foram chamados.

Como de costume, ainda nos inícios de 1987, Padre Vítor foi a Campos do Jordão, mas por pouco tempo – apenas uma semana. Ele tinha consultas marcadas e os cuidados de que necessitava exigiam que não ficasse distante de seus médicos. E precisava de ajuda para tomar a medicação, visto que se esquecia de tomá-la nos horários preestabelecidos. Mas, com fidelidade, continuava a gravar seu programa do meio-dia e a fazer, ao vivo, o das quinze horas, diretamente da basílica. Mas o fim estava chegando...

Para o redentorista, é lei fundamental o anúncio explícito da copiosa Redenção, lema da Congregação. Todos os redentoristas procuram, em suas vidas, testemunhar este dom: “Porque no Senhor está a misericórdia e com ele há copiosa redenção!” (Sl 129,7). Padre Vítor foi a voz e a expressão viva desse amor misericordioso ao longo de sua vida apostólica.

Na tarde do dia vinte de julho de 1987, em missa na basílica de Nossa Senhora, celebrando o Santíssimo Redentor, os redentoristas renovaram os votos religiosos. Padre Vítor e seus confrades celebraram esse momento feliz de vida missionária em comunidade. Dentro de pouco mais de um ano, ele completaria setenta anos de profissão religiosa. O coração já começava a recordar, feliz e talvez algo saudoso, o tempo de noviciado na cidade de Perdões, no longínquo 1917...

Naquele dia, uma segunda-feira, ele gravou o seu programa do meio-dia para ser levado ao ar no dia seguinte. Mas nesse dia, a RA se ocuparia em homenagear, já com tristeza e saudade, o valoroso missionário que a ela tanto se dedicara: Padre Vítor Coelho de Almeida. A voz amada por todo o Brasil silenciara. Padre Vítor estava morto. O programa gravado na véspera foi ao ar no dia vinte e dois, uma quarta-feira triste, já cheia de saudade.

A morte veio buscá-lo na manhã do dia vinte e um de julho de 1987. Ele foi acudido pelos confrades e levado ao hospital da cidade de Guaratinguetá (SP). Lúcido, dizia que eram os pul-

mões, faltando-lhe o ar para a respiração. Queria morrer em casa, junto aos confrades. No caminho para o hospital repetia: “Vamos rezar, é hora de rezar!” Morreu na entrada do Hospital Frei Galvão. Tratava-se de embolia pulmonar. Isso aconteceu um pouco antes das sete horas da manhã. Às 10h00 o seu corpo já estava na basílica nova onde milhares de amigos e seus ouvintes na RA faziam fila para vê-lo. Até o dia seguinte, uma multidão passou diante do seu caixão para chorar e rezar diante do Apóstolo da Rádio Aparecida e do Missionário da Senhora Aparecida.

O povo lotou a basílica numa quarta-feira para a sua missa solene de corpo presente. Mais de cem padres e quatro bispos. Redentoristas de todas as casas da Província. Autoridades do Vale do Paraíba e de sua terra natal, Sacramento. Os meios de comunicação noticiaram aquele triste acontecimento. A repercussão da morte de Padre Vítor foi enorme. Morte vista como ressurreição. Esta era justamente a manchete de um dos inúmeros jornais que noticiou o fato: “O céu em festa – ressuscitou Padre Vítor!”

Alguns anos antes, ele havia composto uma poesia na qual evocava a presença de Maria, sua e nossa Mãe Aparecida, na hora de sua morte.

Quando eu soltar meu último suspiro,  
Quando o meu corpo se tornar gelado,  
E o meu olhar se apresentar vidrado,  
E quiserdes saber se ainda respiro,  
Eis o melhor processo que eu sugiro:  
Não coloqueis um espelho decantado  
Em frente ao meu nariz, nem mesmo encostado...  
Porque não falha a prova que eu prefiro  
Fazei assim: por cima do meu peito, do lado esquerdo  
Colocai a mão e procedei seguro, desse jeito:  
Gritai: “MARIA”, bem alto, ao pé do meu ouvido...  
E, se o meu coração não palpitar,  
Então... penso eu que terei morrido.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Arquivo Padre Vítor, Pasta Escritos Pessoais.

Um homem deixara o convívio humano. Um padre missionário deixara o campo do apostolado e da evangelização. A Igreja e o povo de Deus ganharam um intercessor no céu. O missionário d'Aparecida, o filho da misericórdia, o Vítinho tinha, para sempre, a posse plena da vida...

### 13. – Conclusão

Depois de morto, seu nome poderia ir caindo no esquecimento, mas, ao contrário, sua popularidade e fama de santo foram crescendo. Cartas e mais cartas chegavam a Aparecida, algumas dando conta de graças alcançadas por intercessão de Padre Vítor Coelho. Seu nome dado à escola, rua, rádio comunitária ia confirmando a popularidade do Missionário d'Aparecida.

Em 1998, a coordenação dos redentoristas iniciou uma reforma no velho convento da praça de Aparecida. O Capítulo Provincial havia pedido que se fizesse uma capela para colocar os restos mortais de padres e irmãos, que já passavam de cem. Os fundos do convento foi o local escolhido. O Capítulo também aprovou que se desse início a causa de beatificação de Padre Vítor Coelho.

Uma capela foi então construída para guardar os restos mortais dos confrades falecidos e um espaço para receber os restos mortais de Padre Vítor que, até então, estavam na capela do Santíssimo, na basílica nova. Em outubro daquele ano, o espaço-memória, denominado Memorial Redentorista, foi inaugurado. O povo em geral e os romeiros em particular acolheram com simpatia a ideia. A frequência ao túmulo de Padre Vítor crescia, fazendo crescer o fluxo de devotos a Aparecida.

Com incentivo da postulação geral da Congregação Redentorista, em Roma, a Província de São Paulo aprovou a iniciativa e começou a preparar o seu processo de beatificação. O dia marcado para a abertura foi o dia doze de outubro de 1998, festa de Nossa Senhora Aparecida. Feito o estudo inicial, o postulador geral da Congregação, apresentou seu parecer a Dom Aloísio Lorscheider, cardeal arcebispo de Aparecida, que, por sua vez, propôs aos bispos do Regional Sul I da CNBB a abertura do processo, em seguida aprovado pelo Regional. A conclusão do pro-

cesso de beatificação, também denominado clausura, deu-se no último dia de agosto de 2006. O ato solene, sob a responsabilidade da Arquidiocese de Aparecida, aconteceu nas dependências da basílica. Os documentos foram encaminhados à Congregação da Causa dos Santos sob a responsabilidade da Postulação da Congregação Redentorista. Foram elaborados uma oração e uma novena que é rezada pela beatificação do Servo de Deus. Uma biografia científica mostra a trajetória de sua longa vida, de 1899 a 1987.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Biografia citada no início deste artigo; novenas pela beatificação, orações e livros resgatando momentos e frases de sua vida realçam a base de sua espiritualidade. Há em Aparecia, no Memorial Redentorista, o Arquivo Padre Vítor, onde a pesquisa foi feita. Material usando também no Arquivo Redentorista em São Paulo.